

FACULDADE DAMAS DE INSTRUÇÃO CRISTÃ
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

EDUARDO MARÓSTICA BRAGAGNOLO

**ISLAMISMO NA EUROPA: COMO A IMIGRAÇÃO DE REFUGIADOS
IMPACTOU NA PERCEPÇÃO DA RELIGIÃO ISLÃ NA FRANÇA E
ALEMANHA A PARTIR DE 2015**

Recife

2024

FACULDADE DAMAS DE INSTRUÇÃO CRISTÃ
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

EDUARDO MARÓSTICA BRAGAGNOLO

**ISLAMISMO NA EUROPA: COMO A IMIGRAÇÃO DE REFUGIADOS
IMPACTOU NA PERCEPÇÃO DA RELIGIÃO ISLÃ NA FRANÇA E
ALEMANHA A PARTIR DE 2015**

**Trabalho de conclusão de curso
como exigência parcial para graduação
no curso de Relações Internacionais,
sob orientação da Prof.Dr. Luciana
Campelo de Lira**

Recife

2024

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB-4/2116

B813i Bragagnolo, Eduardo Maróstica.
Islamismo na Europa: como a imigração de refugiados impactou na percepção da religião Islã na França e Alemanha a partir de 2015 / Eduardo Maróstica Bragagnolo. – Recife, 2024.
63 f. .: il. color.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Luciana Campelo de Lira.
Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia – Relações Internacionais) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2024.
Inclui bibliografia.

1. França. 2. Alemanha. 3. Imigração. 4. Muçumano. 5. Islamofobia. 6. Ocidente. 7. Extrema-direita. I. Lira, Luciana Campelo de. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título.

327 CDU (22. ed.) FADIC (2024.1-006)

FACULDADE DAMAS DE INSTRUÇÃO CRISTÃ
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

EDUARDO MARÓSTICA BRAGAGNOLO

**ISLAMISMO NA EUROPA: COMO A IMIGRAÇÃO DE REFUGIADOS
IMPACTOU NA PERCEPÇÃO DA RELIGIÃO ISLÃ NA FRANÇA E
ALEMANHA A PARTIR DE 2015**

**Trabalho de conclusão de curso
como exigência parcial para graduação
no curso de Relações Internacionais,
sob orientação da Prof.Dr. Luciana
Campelo de Lira**

Aprovado em __ / __ / ____

BANCA EXAMINADORA

(Nome, titulação e instituição)

(Nome, titulação e instituição)

(Orientador, nome, titulação e instituição)

Recife

2024

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, a Deus pela oportunidade de viver uma vida próxima a pessoas que me amam e querem o meu sucesso. Agradeço também pelo dom da vida e a todas as ocasiões de minha vida que contribuíram para meu crescimento pessoal, acadêmico e profissional.

Agradeço à minha família que me apoiou quando me decidi inteiramente pelo curso de Relações Internacionais e me proporcionou os meios para concluir este curso.

Em especial, agradeço a todas as pessoas que vejo como amigos feitos durante a graduação, pessoas como Vinícius, Maria de Lourdes e Beatriz que sempre me estimularam a buscar mais conhecimento. Professores como Pedro, Luciana, David, Bianor e Antônio que tornavam da sala de aula um ambiente de aprendizado e descontração.

Por fim, agradeço ao meu amor que sempre me apoiou e me aconselhou durante esta trajetória, com certeza a vida sem ela seria mais difícil e amarga.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma discussão sobre a imigração e seus impactos na França e Alemanha, a partir de 2015. É analisado a influência que a imigração exerceu na percepção da religião islâmica nesses países através de uma descrição histórica que mostra as relações entre o islã e o europeu, com a finalidade de analisar as reações políticas e sociais da França e Alemanha diante da imigração e entender como a comunidade muçulmana é percebida, sob a ótica pós-colonialista do Orientalismo. É realizado um estudo exploratório comparando os dois países, fundamentados em revisões bibliográficas, análise de elementos de discurso e relatórios eleitorais. É evidenciado um grande aumento nos votos de partidos de extrema direita que detem um discurso anti-imigratório e islamofóbico, ademais, é percebido que os estados criaram ferramentas para tratar o imigrante diferentemente, tornando claro que o muçulmano é percebido negativamente e, nesses países, a islamofobia cresceu junto com a imigração.

Palavras-chave: França; Alemanha; imigração; muçulmano; islamofobia; ocidente; extrema-direita;

ABSTRACT

This work presents a discussion about immigration and its impacts in France and Germany, since 2015. It is analysed the influence of the immigration in the perception of the islamic religion in those countries by a historical description which shows the relation between islam and the europeans, with the objective to analyse the political and social relations in France e Germany in face of the immigration, and understand how the muslim community is seen, from a post colonialism of Orientalism point of view. This work is a exploratory study comparing the two countries, based on bibliography revisions, analyses of elements of the speech and election reports. It is revealed a major increase in votes for extreme right parties whom preach anti immigration and a islamophobic ideas, in addition, it is perceived that these states created tools to deal with the immigrant differently, making it clear that the muslim is seen negatively and, in these countries, the islamophobia rose with the immigration.

Key-words: France; Germany; immigration; muslim; islamophobia; occident; right wing;

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1: A expansão do Império Islâmico.....	5
Figura 2: O Califado Abássida no início do século IX.....	8
Figura 3: Extensão do Império Otomano periodizado.....	11
Figura 4: Concentração de refugiados na Europa.....	19
Figura 5: Índice geral de abertura/oposição à entrada de imigrantes.....	24
Figura 6: Abertura/Oposição à entrada de imigrantes de “grupos étnicos diferentes” e “países pobres não europeus”.....	24
Figura 7: Abertura/Oposição à entrada de imigrantes mulçumanos e de imigrantes de “grupos étnicos diferentes” e “países pobres não europeus”.....	25
Figura 8: Ameaça econômica.....	26
Figura 9: Ameaça à segurança.....	26
Figura 10: Ameaça cultural.....	27
Figura 11: Importância de critérios etnicistas na seleção de imigrantes.....	28
Figura 12: Grau de concordância com maior flexibilidade no acolhimento de refugiados.....	28
Figura 13: Pessoas de minoria racial/étnica vivendo na região.....	29
Figura 14: Um cartaz de campanha da AfD diz: “Pare a islamização”.....	39
Figura 15: Protesto pró-AfD na cidade alemã de Rostock em 2018.....	39
Figura 16: Propaganda do partido Frente Nacional: “Pare ou continue? É sua escolha, VOTE!”.....	40
Figura 17: Propaganda do partido Frente Nacional: “Não ao islamismo! A juventude com Le Pen”.....	40
Figura 18: Propaganda da Frente Nacional.....	41
Figura 19: Charge do Charles Hepop: “Intocáveis 2! Não se pode rir.”.....	41
Figura 20: Charge do Charlie Hebdo: O amor é mais forte do que o ódio”.....	42
Figura 21: Porcentagem de texto sobre “Imigração e Integração” nos manifestos das eleições locais, 2014-2016.....	43

LISTA DE ABREVIACÃO

AfD	Alternativa para Alemanha
BAMF	Agência Federal das Migrações e Refugiados
FN	Frente Nacional
UE	União Europeia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
MÉTODO	3
PRIMEIRO CAPÍTULO	4
SEGUNDO CAPÍTULO	19
TERCEIRO CAPÍTULO	36
CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS	47

INTRODUÇÃO

Considerada pela ONU (Organização das Nações Unidas) como a pior crise humanitária do século, a imigração se tornou pauta relevante nos debates políticos em 2015. Somente em 2022 foi-se levantado um número de 108,4 milhões de pessoas que sofreram com a saída forçada de seu país, conforme relatório da Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). Fluxos migratórios intensos são fonte de preocupação para a Comunidade Internacional, afinal, onde essas pessoas serão alocadas? Grande parte desse fluxo de refugiados tem como destino a França e Alemanha, devido a sua boa posição econômica e abertura exterior, entretanto, esse fluxo coloca esses países europeus em um dilema: preservar a integridade humana ou manter a estabilidade dentro do país. Fato é que, a liberação da entrada de imigrantes em grande número abala as estruturas internas de um país.

Nestes casos, leva-se em consideração um extenso passado histórico, marcado pela opressão dos povos árabes e pelo estranhamento para com a religião islâmica. A França por seu histórico de dominação na África e, posteriormente, no Oriente Médio e a Alemanha, através do legado de batalhas entre a casa dos Habsburgos e o Império Otomano. Eventos que, apesar de distantes, reverberam uma noção de superioridade sobre os povos não europeus e, além disso, uma imagem já feita sobre esses povos.

O movimentos dos refugiados acaba por revelar, não somente preconceitos para com os deslocados, mas também, um verdadeiro racismo cultural, aparelhado por estruturas estatais criadas e orientadas para segregar e afastar imigrantes desses países através de premissas securitárias. Além disso, este racismo paira sobre o direito e a educação, utilizando essas plataformas para reeducar a população deslocada dentro dos moldes europeus.

Desta forma, este trabalho busca responder a seguinte pergunta: Como a imigração de refugiados impactou a percepção da religião islâmica no Estado da França e Alemanha?

Buscaremos aferir essa relação entre a imigração e a percepção da religião islâmica, primeiramente, através de uma revisão histórica, a fim de compreendermos a formação da religião islâmica e a história dos povos árabes. Será trabalhado como o mundo árabe se tornou majoritariamente muçumano, bem como as relações que este com os países europeus até os eventos da Primavera Árabe e suas consequências, com a finalidade de evidenciar, sobretudo, as dinâmicas de relação entre o islã e o europeu e os motivos para imigração.

Ademais, é necessário abordar a história árabe, posteriormente, muçulmana para entender como a ideia do islã foi formada pelo europeu. Este arcabouço histórico é crucial para entender como foi traçada a visão do Oriente pelo Ocidente e, junto a isto, evidenciar que esta visão já vem sendo traçada desde muito antes de eventos como o 11 de setembro.

Em segundo momento, analisaremos as percepções dos franceses e alemães sobre a imigração através do método exploratório, comparando os dois países. Isso será feito, primeiramente, através de acontecimentos que demonstram a abertura do país para a imigração e a estruturação de políticas que vão de contra ao Estado democrático de direito. Posteriormente, será discutido um estudo comparativo sobre as percepções da imigração, colocando em contraponto dados do início dos anos 2000 para o ano de 2015, dessa forma, entenderemos qual é a posição que a população dos países analisados tinha no início do grande fluxo de refugiados. Ainda serão analisados relatórios eleitorais, para entender como a população e a política desses estados se posiciona hoje, focando no aumento do número de votos para partidos de extrema direita que possuem pautas anti-imigratórias e islamofóbicas que surgiram no tempo recente. Outrossim, serão discutidas pesquisas populares sobre a percepção geral da população sobre os refugiados e muçulmanos. Todas essas análises estarão sob a ótica de Giorgio Agamben, ou seja, buscando evidenciar a criação de Estados de Exceção para tratar o outro não europeu.

Por fim, buscaremos entender qual é a perspectiva francesa e alemã sobre as comunidades islâmicas. Isso será abordado também por um método exploratório que compara os dois países. Será brevemente discutida como a falta de inclusão desses estados contribui para criação de guetos e o apego

dessa parcela da população a uma identidade comum religiosa, esta, por sua vez, tende ao extremismo. Posteriormente, pela revisão de materiais e pela análise de dados fundados sob uma perspectiva pós-colonial de Edward Said, iremos trabalhar o conceito de Orientalismo, ou seja, como o Ocidente enxerga o Oriente. Ademais, traremos através da análise de componentes do discurso do Alternativa para Alemanha e da Frente Nacional, como a comunidade é percebida por esses partidos, cada vez mais populares. Por fim, será discutido sobre o conceito de islamofobia e suas formas de reprodução, junto a isso, traremos à luz a reprodução clara em jornais europeus desse preconceito, e como este é, na verdade, uma ferramenta imperialista para manutenção do poder Ocidental.

MÉTODO

Neste trabalho será utilizado o método de estudo exploratório para análise da questão. Este trabalho possui um tema subjetivo, mas que é possível de ser mensurado. O método exploratório é escolhido, pois ele possibilitará a contemplação do objeto de trabalho de forma completa, trazendo uma proporção numérica que expressa o aumento do número de refugiados e a sua relação com o aumento de xenofobia ao mesmo passo que explica como a islamofobia é construída e como a população nativa percebe a chegada de estrangeiros, quais impactos ela sofre, e como ela se relaciona com o acontecido. Fato é que, se não for dado o devido contexto e se, ele não for explicado, os dados expostos ficarão perdidos no trabalho, visto sua natureza subjetiva.

Portanto, será brevemente percorrido sobre o que é o islamismo, depois serão abordados os contextos dos conflitos nas regiões que iniciaram o fluxo migratório da população, assim como, será discutido o motivo pelo qual os refugiados se dirigiram a península continental. Ademais, será o momento onde os conceitos serão introduzidos ao trabalho, a fim de serem debatidos e discutidos na parte final.

A fim de embasar ainda mais os argumentos, serão trabalhados elementos de discursos dos partidos de extrema direita dos países integrantes

estudados com a finalidade de identificar o caminho em que estava conduzindo a política de acolhimento dos refugiados em seu país.

O enfoque qualitativo do trabalho será embasado em literaturas especializadas sobre a religião islâmica, os conflitos regionais, e a construção da imagem do islâmico no mundo europeu, a forma que a população europeia os vê e os recebem em seu país e, como o muçulmano se enxerga na pessoa do refugiado. O embasamento será feito através de uma perspectiva histórica aparelhado de uma visão pós-colonial sobre os acontecimentos.

Adiante, a parte quantitativa, será contemplada por meio de levantamentos de dados secundários, de Institutos de Pesquisa, e da própria União Europeia, de forma correlacional entre o aumento da população refugiada na região e o aumento de casos de islamofobia. Apesar de já serem variáveis que se correlacionam, elas serão colocadas sob uma análise temporal de 2015 adiante.

A análise quantitativa será, por fim, explicada pela abordagem qualitativa, sob a perspectiva pós-colonial. Neste momento, se escolhe a teoria pós-colonial, por abordarmos um fenômeno internacional de uma região do Sul global para uma do Norte. De países que antes eram colônias de países europeus e já são vistos, historicamente, como um “outro”, que não é somente diferente, mas estranho. Ademais, a teoria pós-colonial, permite a incorporação de teorias sociais relacionais, e usá-las para considerar que as unidades sociais são internacionalmente constituídas através do espaço.

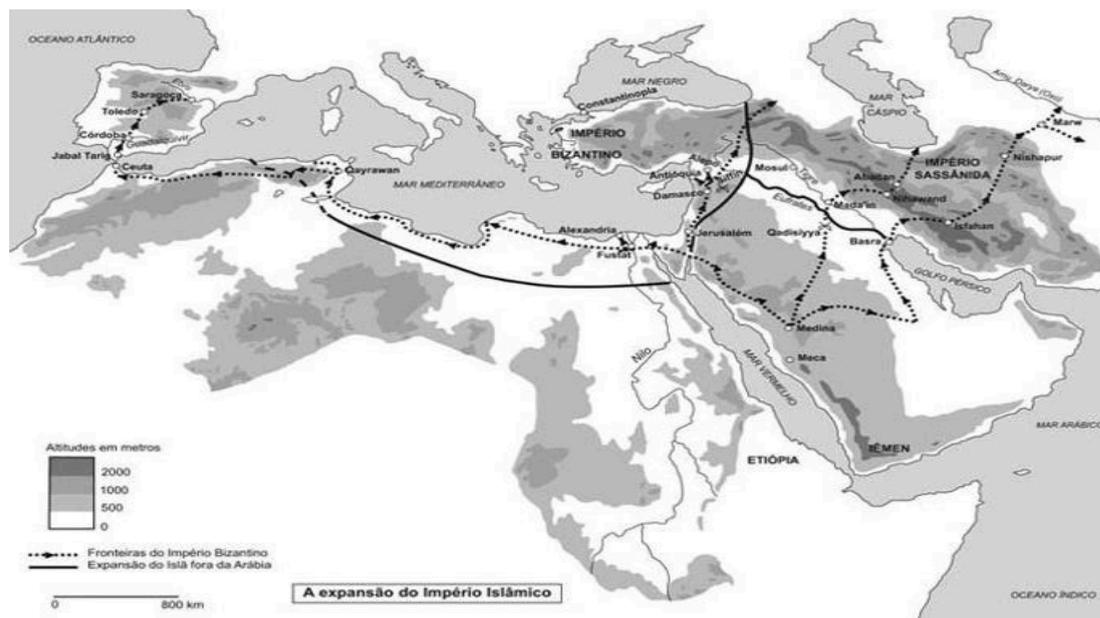
1º CAPÍTULO

A fim de compreender como o mundo muçulmano se estrutura, é necessário entender que, antes de tudo, muito além de uma religião, ele é um núcleo cultural que transforma toda a vida do indivíduo, principalmente sua forma de enxergar o mundo. Para isso ser feito, devemos, primeiramente, saber a diferença entre o que é o muçulmano e o que é o árabe. Embora uma mesma pessoa possa ser muçulmana e árabe, ela também pode ser árabe e não muçulmana, como também, muçulmana mas não árabe, ou seja, essas classificações não são sinônimas. O muçulmano é aquele que acredita e segue a religião islâmica, enquanto é árabe aquele que pertence ao grupo étnico.

Conquanto a definição exposta, Bernard Lewis, em sua obra *Os árabes na História*, de 1990, traz duas definições que exemplificam bem a necessidade de contextualização histórica para o tema. A primeira, feita por chefes árabes, indica que o árabe é aquele que: “mora em nosso país, fala a nossa língua, é educado na nossa cultura e tem orgulho na nossa glória”. A segunda, feita pelo professor Sir Hamilton Alexander Rosskeen Gibb, infere que são árabes os que tem como cerne da história a missão de Maomé e a história do Império Árabe, além disso, são os que preservam a língua árabe e a sua herança cultural como patrimônio comum (Lewis, 1990, p. 14).

Adiante, é de importância destacar que as relações entre o Ocidente e o mundo muçulmano começaram antes de o islamismo existir, entre o Ocidente e o Mundo Árabe. Mundo este que já era muito bem consolidado, encontrando-se, inclusive, como uma força dominante na Ásia e África, estendendo-se do Irã até o Marrocos (FIGURA 1).

Figura 1 - A expansão do Império Islâmico



Fonte: Uma história dos povos árabes, Albert Hourani, p. 47

Fato é que, ao falarmos de um mundo árabe, deve-se ressaltar que não se tratava de uma organização coesa, mas a representação de um grupo cultural através do Império Sassânida, grande força árabe na região, que durou cerca de 400 anos (224 à 651 D.C.).

Somente no século VII que o islamismo apareceu em cena no mundo árabe, através de Mohamed (Maomé), na Península Arábica, que dizia ter tido revelações divinas pelo anjo Gabriel, revelações expostas no livro Corão. Apesar de ter nascido em Meca, foi após a fuga de Maomé para Medina (Yathrib)¹, que a nova religião floresceu, tornando-se influente, e estabelecendo um Estado na região mesmo entre lutas contra os coraixitas² pelo controle das rotas comerciais, por meio de acordos com as tribos árabes locais para estabilizar Maomé e sua religião no poder da cidade (Hourani, 2006).

Inicialmente, Meca não foi hostil em relação a nova religião, mas foi tornando-se gradualmente, conforme as pregações de Maomé se tornavam mais hostis em relação a religião e os cultos que a cidade possuía. Argumenta-se que o profeta Islã não tinha, inicialmente, uma vontade de fundar uma nova religião, mas se encontrava, somado a outras pessoas,

¹ Este evento ficou conhecido como Hégira e marcou o início do calendário islâmico.

² Tribo árabe dominante da cidade de Meca, a qual pertencia Maomé.

insatisfeito com as expressões religiosas³ da cidade em que habitava (Lewis, 1990, p. 44-47).

No período entre 622 e 629, onde houve a mudança para Medina e instauração de poder na cidade que a doutrina islâmica teve sua forma final, consolidando seus rituais e doutrinas e criando uma narrativa de descendência espiritual entre Abraão e Maomé. Essa narrativa de descendência passava a ideia de um profeta, Maomé, como um ancestral comum aos Judeus, Cristãos e muçulmanos (Hourani, 2006).

Pode-se dizer que, neste tempo, o profeta tomou consciência de que a sua doutrina religiosa precisava estar alinhada a um apoio político e, por isso, ele precisava converter a sua força política em uma autoridade religiosa por meio de uma ação política e diplomática (Lewis, 1990, p. 50).

Pondo em prática essa diplomacia, acompanhada da pressão exercida sobre a cidade através do controle das rotas comerciais que dificultavam grandemente o comércio em Meca, no ano de 629, as relações entre o profeta e a cidade haviam sido modeladas o suficiente para permissão de peregrinações, principalmente pelo aumento significativo do número de fiéis muçulmanos na cidade. Posteriormente, no ano 630, Meca foi entregue ao profeta sem resistência devido à força política de Maomé. Neste tempo, a paz islâmica se estendeu por uma vasta região, através de acordos realizados pelo profeta com as tribos próximas (Hourani, 2006).

Essa onda veio por transformar a estrutura do Mundo Árabe em uma organização mais coesa e centralizada. O marco dessa unificação e centralização através da fé se deu em 632, onde em seu último discurso, Maomé proferiu que todos os muçulmanos são irmãos e que o sangue derramado em tempos passados não deveria ser vingado. A única luta seria até o último homem proferir que “só há um Deus” (Hourani, 2006).

Com isso, logo após a morte do profeta, a religião islã, por volta dos anos 634 a 680, o império muçulmano, começou a se expandir em direção ao Império Bizantino e ao Sassânida enfraquecidos pelas pestes e guerras entre si, tomando diversas cidades importantes na região da Palestina, chegando ao crescente fértil e ao Egito (Lewis, 1990, p. 62). Eventualmente,

³ Se tratava de uma religião Politéista que cultuava divindades do mundo Mediterrâneo antigo.

transferindo sua capital para Damasco. Posteriormente, avançaram pelo Magrebe e Marrocos atravessando até a Espanha, e, do outro lado, chegando até o noroeste da Índia (Hourani, 2006).

Deve-se destacar que os muçulmanos começaram a encontrar dificuldades em aumentar seu domínio devido aos empecilhos naturais dos terrenos montanhosos, por onde tentavam avançar sobre o Império Bizantino⁴ e os Sassânidas. Fato é que a sua campanha de conquista foi muito ajudada pelo domínio do deserto que possuíam e que continuaram a ser usadas estrategicamente para manter o domínio sobre as regiões, através da criando cidades de guarda no deserto, próximas a cidades importantes como Damasco, por exemplo, abrigando guarnições, suprimentos e setores administrativos (Lewis, 1990. p. 63).

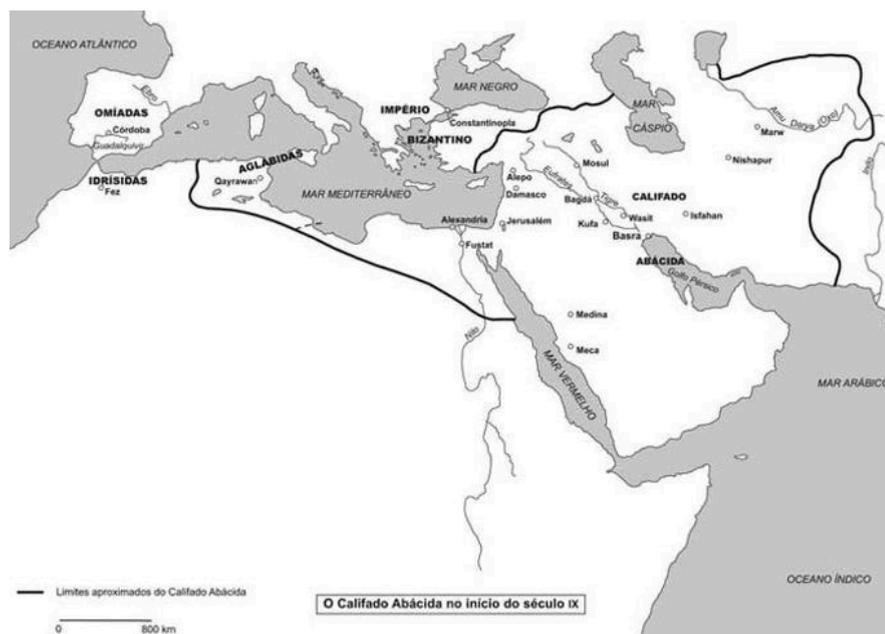
O ano de 690 deve ser destacado, pois ele marca a instituição da língua árabe para todas as dimensões da vida na região: administrativa e religiosa. Além disso, no mesmo ano, começaram a ser construídos templos de culto comunal nas principais cidades, por fim, foi introduzida uma nova cunhagem de moeda que proclamava a unicidade de Deus e a religião islâmica (Hourani, 2006).

No período temporal de 705 até 715, foi quando o poder omíada chegou em seu ápice, onde as conquistas e a expansão de território foram retomadas, tendo como destaque a rápida conquista da península ibérica em 710. Posteriormente, houve uma tentativa de tomada de Constantinopla que não somente foi um fracasso como também desestabilizou a estrutura do Império muçulmano (Lewis, 1990, p. 88).

Com o passar do tempo, já no ano de 762, as balanças de poder dentro do império fizeram com que o antigo califado de Damasco passasse para Bagdá, que se tornou a nova capital do califado muçulmano, sob representação agora dos Abássidas, que conseguiram reestruturar o mundo muçulmano após a queda dos Omíadas. Tal mudança ocorreu pela posição estratégica que possuía, por ter uma terra rica, localizada em rotas comerciais importantes que ligavam o império como um todo (FIGURA 2).

Figura 2 - O Califado Abássida no início do século IX

⁴ Império localizado em torno do Mar Mediterrâneo que durou de 330 a 1453.



Fonte: Uma história dos povos árabes. Albert Hourani, 2006. p. 60.

Devido às instabilidades políticas após a morte de Harun⁵ em 809, de forma mais específica, as dificuldades de centralização de poder e as diversas alegações de descendência de Maomé por diferentes famílias que almejavam o poder, fez com que o Império Abássida, outrora unificado, fosse segmentado em diversas dinastias como o safaridas, samanidas, tulunidas e galábias. O império ainda mantinha as rotas comerciais e a sua força política; entretanto, com o tempo, esse movimento de separação drenou as forças políticas e econômicas, devido às burocracias geradas, e pelo califado de Bagdá começar a depender, cada vez mais, de seu exército profissional para se manter no poder, o que levou, eventualmente, no ano 945, a tomada de poder por parte dos Buyids, uma das famílias de chefes militares (Hourani, 2006).

Ainda antes do fim do Império Abássida, uma dinastia vale ser mencionada por seu desenvolvimento comercial e prosperidade em geral, os Fatímidas. Estes estabeleceram relações comerciais estreitas com o Ocidente e uma rede de comércio entre o Oriente e a Europa. Foram tão importantes que chegaram a desafiar a autoridade abássida, num movimento que não chegou a tomar grandes proporções. Foi uma dinastia que durou em geral de 909 a 1171 (Lewis, 1990, p. 126-130).

⁵ Harune Arraxide foi o quinto califa abássida.

Fato é que, já no início do século XI, a fraqueza do Império Abássida era demasiado aparente ao exterior, estimulando bárbaros diferentes regiões a realizarem ataques simultâneos, os cristãos a reconquistarem a Espanha e a Sicília, o Império Berbere que se levantou na África instaurando seu próprio poder e, por fim, os beduínos árabes que se levantaram contra o Império no alto Egito.

Dentre estes citados, devemos notar a importância dos bárbaros vindos do Mar Negro, que eram de étnia turca e migraram para a região da Pérsia após serem expulsos da Ásia Central pela dinastia chinesa Sung⁶. Eles são conhecidos como Seljúcidas e chegaram por volta dos anos 970, convertendo-se ao Islã rapidamente e conquistando a maior parte da Pérsia, marchando sobre Bagdá em 1055. Pouco tempo depois, já haviam dominado também a Síria, Palestina, os Fatímidas no Egito e também avançavam sobre o Império Bizantino. Entretanto, não foi uma dominação duradoura devido a problemas de reestruturação financeira do novo império e a problemas relativos à sucessão; o território foi dividido em pequenos Estados Sucessórios. Por infortúnio ou destino, foi nesta época, em 1096, que o exército Cruzado, chegou no Oriente próximo, motivados por razões materiais e fundados numa narrativa religiosa de conquista e proteção da Terra Santa, tomando para domínio da Igreja a costa Síria e Palestina, implementando feudos (Lewis, 1990, p. 164-169).

A situação não permaneceu por muito tempo dessa forma, através da figura de Saladino que se tornou dirigente efetivo do Egito, após declarar o fim do Califado Fatímida, absorvendo os territórios sírios dominados pelo oficial Seljúcida, Nûr ad-Din, e assim formando um novo império e atacando, em 1187 os Cruzados, quase que os expulsando em 1193. Apesar do Império ter se colapsado em diversos estados na Síria, ele colocou o Egito em uma posição de baluarte do Islã contra o Ocidente. (Lewis, 1990, p. 170-172)

Após as cruzadas, o mundo islâmico voltou mais seu olhar sobre o avanço mongol sobre suas terras, que foram contidas no Iraque, livrando a Síria e o Egito, em grande parte devido às forças curdas da monarquia

⁶ Dinastia que durou de 960 a 1279.

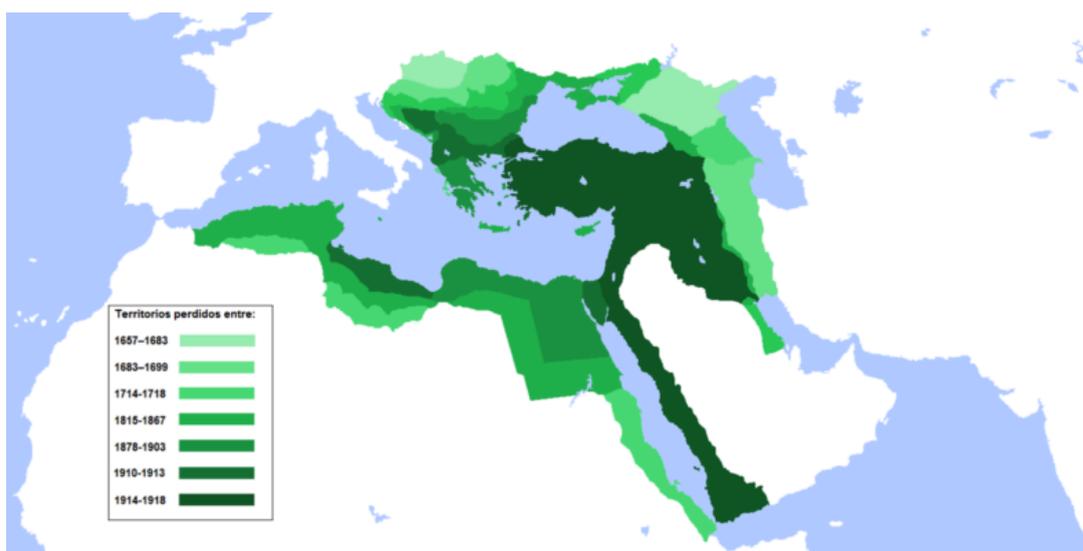
Ayyûbita. Essa, foi responsável por unificar, novamente, os territórios sírios e egípcios e expulsar de vez os cruzados da região. (Lewis, 1990, p. 174)

Devemos destacar a importância dos mamelucos⁷ ainda, que estruturaram um sultanato no Egito entre 1250 até 1517, quando foram conquistados pelos otomanos. É de importância destacar a sua relevância comercial para a Europa e o Mar Mediterrâneo como um todo, pois unia o Oriente ao Mediterrâneo pelo mar. Entretanto, problemas com pragas e as tentativas de avanço mongol fizeram com que o Sultão não somente aumentasse os impostos, como também, estruturasse um monopólio sobre o açúcar, o que não foi bem recebido pelo Ocidente. O destino mameluco foi selado em 1499, com o retorno da expedição de Vasco da Gama e a abertura da rota para a Índia. Ainda houve um esforço mameluco de impedir essa rota comercial, contudo, o poderio naval de Portugal já estava superior derrotando-os facilmente e subjugando-os facilmente. (Lewis, 1990 p. 174-177).

A partir do Império Otomano, agora é que era representado o Islã, não mais com elementos árabes mas, “arabizados”. Os elementos da cultura árabe que estavam de acordo com os gostos e tradições dos turcos foram incorporados à estrutura do Império. Os otomanos estabeleceram um domínio extenso sobre o mapa, ocupando do norte da África, os balcãs, a Península Arábica e as terras a oeste (FIGURA 3).

Figura 3 - Extensão do Império Otomano periodizado

⁷ Eram escravos que, eventualmente, eram usados como soldados pelos califas muçulmanos e pelo Império Otomano.



Fonte: Império Otomano, Enciclopédia Humanidades⁸

O Império foi, de fato, uma força de renome na região, e por sua vez, possuía uma estrutura complexa. Pode-se dizer que, grande parte de seu sucesso se deu pela competência dos seus dez primeiros líderes, e por seu sistema de solucionar crises sucessórias, que consistia em matar qualquer irmão do atual líder (Goldschmidt; Al-Marashi, 2022, p. 157).

O grande império começou a declinar no século XVI, por 2 motivos. O primeiro sendo a centralização de sua força militar, impossibilitando que houvesse mais de uma campanha ao mesmo tempo, somado a isso, a qualidade dos soldados otomanos devido à falta de treinamento e ao atraso tecnológico em comparação com as forças europeias fez com que o efetivo imperial estivesse sucateado. O segundo sendo a perda de controle das rotas marítimas para África e Ásia (Goldschmidt; Al-Marashi, 2022, p. 160-162).

A partir desse momento, iremos olhar a história árabe-muçulmana conforme as relações com a Europa. Devido ao interesse europeu e ao imperialismo, não conseguimos mais olhar a história árabe sem o europeu por causa de suas recorrentes interferências no andamento político da região. Dessa forma, iremos apontar os pontos onde houveram relações mais intensas com os europeus pela história já percorrida.

Sabemos que tais relações já existiam através do comércio no Mar Mediterrâneo e através do domínio da Península Ibérica pelo Califado

⁸ Disponível em: <<https://humanidades.com/br/imperio-otomano/>>. Acesso em 07/04/2024.

Omiada, posteriormente Abássida, iniciada em 711. Foi estruturado, na região, um governo que era liberal e rico, desenvolvendo grandemente o comércio da região tornando a região uma das, senão, a mais rica da Europa Ocidental. Posteriormente expulsa, em 1248, devido aos levantes de guerreiros cristãos que foram lentamente expulsando os muçulmanos, se aproveitando de lutas internas e das tentativas de fragmentação de poder que falamos mais acima (Lewis, 1990, 137-147). Pode-se dizer que os cristãos eram aceitos e respeitados, entretanto tinham menos direitos face aos muçulmanos e p.am mais tributos aos califas que os cidadãos convertidos (Hourani, 2006).

Esta relação começou a ser mais intensa após os anos 831, quando os muçulmanos tomaram Palermo do Império Bizanto, que entregou a ilha no ano de 896. Durante este tempo e posteriormente, aconteceu que guerreiros islâmicos começaram a ameaçar as cidades de Nápoles e Roma, inclusive, a pessoa do papa. Algo que não repercutiu bem na população cristã. Ademais, acumulados de outros motivos, principalmente de ganhos materiais. Podemos dizer que a relação entre islã e Europa se deteriorou, de fato, com as Cruzadas (Lewis, 1990, p. 130).

Contudo, por um momento, a troca entre as partes assume nova face por volta do século XVI, tendo como protagonistas o Império Otomano e a França, realizando um acordo comercial conhecido como Capitulações de 1535, posteriormente sendo feitas também pelos ingleses, holandeses e outras nações que formaram diversas colônias comerciais durante os séculos XVII e XVIII. Essa nova relação comercial se estabilizou com as guerras napoleônicas e a invasão francesa sobre o Egito, o que passou uma noção de superioridade europeia cada vez maior sobre o mundo muçulmano. Essa noção se tornou realidade, pelo menos no que diz respeito ao controle da navegação no Mar Mediterrâneo, já que em 1800 a região era raramente utilizada para rotas comerciais efetivas. Os serviços de navegação eram realizados por companhias europeias, deixando ao Oriente somente navegações internas ou por animais de carga (Lewis, 1990, p. 186-191).

Com o tempo, e o enfraquecimento do Império Otomano, as potências europeias foram tomando para si os territórios que compunham o mosaico cultural muçulmano, o que foi acelerando os movimentos nacionalistas,

reação normal ao imperialismo, nas regiões como na Argélia e no Egito por vias políticas fundados na premissa de que sua identidade básica, religiosa e social, estava sendo perdida. Todo o modelo da sociedade ocidental foi importado e sobreposto a uma organização que já existia e que, da forma que existia, não era adequada à forma imposta (Lewis, 1990, p. 193-196).

A Inglaterra foi a grande empreendedora dessa importação. Houve um esforço otomano, uma tentativa de ocidentalizar suas instituições como forma de sanar os problemas internos, que não surtiram efeito, em 1829 o Império sofreu com a independência dos gregos e a perda de alguns territórios ao leste do Mar Negro para os russos. Em 1838, a Inglaterra e o Império selaram um acordo comercial, algo que prolongou a vida do poder Otomano. Tal acordo fez com que a potência europeia enxergasse um potencial de guardar as rotas britânicas para as Índias, posto em prática, em troca do comprometimento com a defesa do império. O que corrobora ainda com tal comprometimento, foi a preocupação inglesa com o avanço russo sobre o Oriente Médio em ruínas, que se efetivou posteriormente na Guerra da Crimeia. Ademais, a Inglaterra enviou tropas em auxílio dos otomanos diversas vezes e chegou a tomar postos como Aden, Chipre e até o Egito para garantir suas intenções (Goldschmidt; Al-Marashi, 2022, p. 177-178; 190).

Ademais, como consequência do nacionalismo, apesar de apoiarem os turcos na Primeira Guerra Mundial, os britânicos fizeram um acordo com Husayn-McMahon, um líder em Meca, solicitando que ele inspirasse os árabes a lutar contra os otomanos, prometendo, em troca, devia ser dada a independência sobre as terras em que predominavam. Assim acordado, foi ajudado na conquista da Síria em 1916 (Lewis, 1990, p. 196-197).

Contudo, a promessa europeia não foi cumprida. Primeiro, foi selado um acordo paralelo que dividia o Oriente Médio em diversos pedaços de terra sorteados entre ingleses, franceses, russos, italianos e gregos, que se tornou conhecido como *Acordo Sykes-Picot*. Ele só não foi aplicado por ter sido exposto ao final da guerra. Contudo, através da Comissão King-Crane, criada pelo governo americano, sobre a luz dos Quatorze Pontos de Woodrow Wilson, para entender a vontade dos povos árabes. Depois, houve uma divisão das terras através de sistemas de mandatos, onde as terras que

estavam sob domínio do eixo ficariam sobre a tutela de um Poder Maior, Inglaterra e França, espécies de guias para garantir o sucesso dos novos estados e prevenir que fossem explorados. (Goldschmidt; Al-Marashi, 2022, p. 225-234)

Em resposta a essa frustração, os nacionalismos realizaram autênticos movimentos populares que englobam todas as áreas da sociedade contra as forças que estavam controlando os seus países. Por sua vez, eles foram bem sucedidos, em alguns casos, no Iraque e no Egito. O problema se deu na Síria, Líbano e na Palestina após a Segunda Guerra Mundial, que acrescentou esses dois primeiros países na região, o que levou a constituição da Liga Árabe, em 1945, instigada pelos ingleses para ajudar a combater as forças nazista, que em 1948, tentou boicotar economicamente o novo Estado criado na região, Israel, inclusive iniciando um conflito armado em 1949, que não logrou sucesso. (Lewis, 1990, p. 197-200)

Temos que entender que, o nacionalismo, neste caso, era, além de uma reação natural ao imperialismo europeu, uma consequência das tentativas de ocidentalizar o Oriente por meio de suas instituições. Pode-se dizer que, o aumento do nacionalismo se deu pelas instituições regionais ocidentalizadas, que estimulavam o árabe a pensar igual à um europeu, pelo menos, em ambos de noções de Estado e de direito individual (Goldschmidt; Al-Marashi, 2022, p. 177-178; 198-200).

É ilusão pensar que o imperialismo havia acabado. Após a implantação do Estado Judeu na região Palestina ainda houveram através da figura do estado de Israel, diversas tentativas de controle, apoiadas e até financiadas pelos estados europeus e americano. Exemplo disto é a tentativa de tomada de controle do Porto de Suez através de Israel pela Inglaterra e a França em 1956, problema que foi resolvido somente na ONU e contou com um raro caso de apoio tanto dos EUA como da URSS para solução, que foi favorável ao Egito. Novamente, em 1967, Israel lançou ataques preventivos sobre estados árabes vizinhos, imobilizando grandemente as forças da região, principalmente o Egito e, como resultado, triplicando a área de seu território que, trouxe consigo, 1 milhão de árabes. Esta situação também foi levada à ONU, para o Conselho de Segurança, chegando-se a resolução de que cada Estado deveria viver dentro de suas

fronteiras seguras e reconhecidas, livres de ameaça e atos de força, bem como a remoção das tropas israelenses dos territórios ocupados, o que não foi bem aceito pelos judeus (Goldschmidt; Al-Marashi, 2022, p. 314-355).

Ademais, a resolução do Conselho de Segurança deixou uma grande lacuna em aberta, que era a situação Palestina, uma nação que não possui Estado, e que, por sua vez, vendo a ineficiência de seus irmãos árabes, resolveram, em 1964, fundar um grupo militante, a Organização para a Libertação Palestina (OLP), que queriam resgatar o que era da Palestina até 1948 e remover o sionismo da região, que era enxergado como um símbolo do colonialismo. Iniciaram-se, então, pequenos confrontos de retaliação às ameaças, por parte de Israel. O que motivou o Egito a, em 1969, aumentar os bombardeios no canal de Suez, continuando a Guerra de Atrito na região, visto que Israel respondeu com ataques a alvos egípcios militares, como também civis (Goldschmidt; Al-Marashi, 2022, p. 355-358).

Entre as relações árabes e israelenses, devemos notar que elas foram muito orientadas pelo Ocidente, principalmente pelos Estados Unidos, mas que, também foram apoiadas pelos estados europeus. Israel agiu e age, ainda hoje, como um Estado que aplica os interesses ocidentais na região através da força.

Apesar de agir como um emissário do Ocidente, Israel não era a única força que levava o Ocidente para o Oriente Médio, ela estava acompanhada pelas corporações multinacionais e a cultura pop. Dessa forma, a força colonial não era somente pela força política e militar, mas agora, abrangia todos os espectros da vida social: cultura, educação, economia e religião. Esse novo espectro colonizador escalonou o já existente nacionalismo árabe e o elevou de patamar e grau, sob a figura do Irã e a sua Revolução que além de nacional, assumiu um caráter religioso, reafirmando o poder do islã (Goldschmidt; Al-Marashi, 2022, p. 392-395).

Esta nova forma de ocidentalização, apesar dos avanços que trouxe consigo, despertou em muitos muçulmanos uma vontade de recuperar sua cultura e modo de vida, encontrando na religião uma forma de contornar essa imposição ocidental para a mudança.

Essa busca por recuperação foi efetivada no Irã, em 1979. O país possuía uma monarquia pró-ocidente desde o fim da segunda guerra mundial

e que, durante muito tempo, agiu conforme as vontades do ocidente indo contra grupos poderosos dentro do país. Exemplo disso foi a Revolução Branco em 1963, que visava distribuir novamente as terras, nacionalizar as florestas, privatizar as empresas estatais, emancipar as mulheres, dividir os lucros na indústria e criar centros de alfabetização. As pessoas que foram contra esse movimento foram rapidamente silenciadas pela polícia do rei (Goldschmidt; Al-Marashi, 2022, p. 395-398).

Embora os avanços alcançados pela revolução tenham sido consideráveis, eles não foram duradouros e não efetivados em sua completude. A corrupção aumentava grandemente no governo, a censura era extremamente alta entre a população, a falta de novos empregos e inflação fizeram com que a população se tornasse cada vez mais insatisfeita. A insatisfação, por fim, culminou, rapidamente, em uma paralisação geral do país que expulsou o seu líder político e instaurou uma república revolucionária (Goldschmidt; Al-Marashi, 2022, p. 398-401).

Posterior a isto, e a Guerra do Golfo⁹, um evento de extrema importância ocorreu, o 11 de Setembro, seguido da Guerra ao terror, que marcou o início dos anos 2000, em todo mundo.

O 11 de setembro foi um atentado terrorista, orquestrado pela Al-Qaeda, onde 2 aviões comerciais foram sequestrados e jogados contra as duas torres gêmeas do World Trade Center¹⁰ em 2001. A organização que se responsabilizou pelo atentado ainda realizou outros ataques com o tempo, se classificavam como fundamentalista islâmicas e justificavam seus atos como uma forma de pressionar governos ocidentais a desocupar as áreas ricas em petróleo, ouro, diamantes, cobre, turmalina em alguns países do oriente médio (Goldschmidt; Al-Marashi, 2022, p. 398-401).

O que aconteceu, posteriormente, foi a declaração de guerra contra o terrorismo, por Georg W. Bush¹¹, algo que foi apoiado por todo Ocidente. As iniciativas dessa guerra foram a detenção de milhares de suspeitos de

⁹ Conflito militar travado entre o Iraque e forças da Coalizão internacional, liderada pelos Estados Unidos e patrocinada pela Organização das Nações Unidas, para alcançar a libertação do Kuwait, ocupado e anexado pelas forças armadas iraquianas sob as ordens de Saddam Hussein, então presidente iraniano .

¹⁰ O World Trade Center original foi um grande complexo de sete edifícios na região de Lower Manhattan, Nova Iorque, Estados Unidos.

¹¹ George Walker Bush é um político estadunidense, foi o 43º Presidente dos Estados Unidos, de 2001 a 2009.

terrorismo e os bombardeios no Afeganistão, país que abrigava a organização terrorista (Goldschmidt; Al-Marashi, 2022, p. 398-401).

Os problemas da guerra contra o terrorismo eram a falta de informação sobre os grupos terroristas, e como combatê-los. Não se tratava de um conflito regular¹² entre Estados, mas sim de um Estado contra uma organização que não possuía território e nem nação, ou seja, que não era facilmente identificada. Essa dificuldade de identificação contribuiu para rotular os indivíduos árabes e a religião islâmica como terroristas, pelo fato dessas organizações se localizarem no Oriente Médio e serem islâmicas.

De toda forma, houve um esforço ocidental para acabar com o terrorismo, invadindo países que possuíam ligação com os grupos terroristas, mesmo que não oficializada, como o Afeganistão e o Iraque, para depor os governos vigentes e instaurar regimes pró-ocidente. A finalidade de aumentar a presença ocidental na região.

No Iraque, após o presidente¹³ ter sido deposto, o país colapsou, inspirando a população a lutar contra o invasor e contra o novo governo que tentava ser instaurado pelo ocidente. Somente após um grande envio de efetivos militares americanos, somado a decisão do governo iraniano de promover estabilidade, a remoção dos sunitas de vizinhanças e provinciais religiosamente mistas e, por fim, pagamentos americanos a líderes tribais sunitas para que lutassem contra a Al-Qaeda e não o governo, que a situação começou a se estabilizar (Goldschmidt; Al-Marashi, 2022, p. 445-473).

Já no ano de 2010, o mundo muçulmano entrou em uma nova fase que ficou conhecida como Primavera Árabe e afetou a Tunísia, Síria, Jordânia, Iêmen, Bahrain, Líbia e outras regiões, o evento foi chamado assim, pois representava o otimismo da população pela mudança. As motivações que fizeram com que as revoltas acontecessem foram os altos índices de desemprego, inflação, as políticas de livre comércio que acabaram com os negócios locais, corrupção, concentração de riqueza e a repressão

¹² Conflito entre exércitos de Estados. Existe separação entre civis e militares e delimitação de território.

¹³ Saddam Hussein foi um político e estadista iraquiano, que serviu como presidente do Iraque de 1979 a 2003.

cruel que se encontrava nesses Estados (Goldschmidt; Al-Marashi, 2022, p. 485-486).

Em geral, os protestos evoluíram da seguinte forma: os Estados criaram uma atmosfera de medo sobre a população; um evento ultrajante ocorreu e fez com que a população superasse o medo e a passividade; o Estado ataca o povo que manifesta e revolta ainda mais a população; elementos mais importantes da cidade aderem aos protestos como o exército; o regime oferece meias-medidas; protestos persistem e os ditadores caem, ou se inicia uma guerra civil (Goldschmidt; Al-Marashi, 2022, p. 486-487).

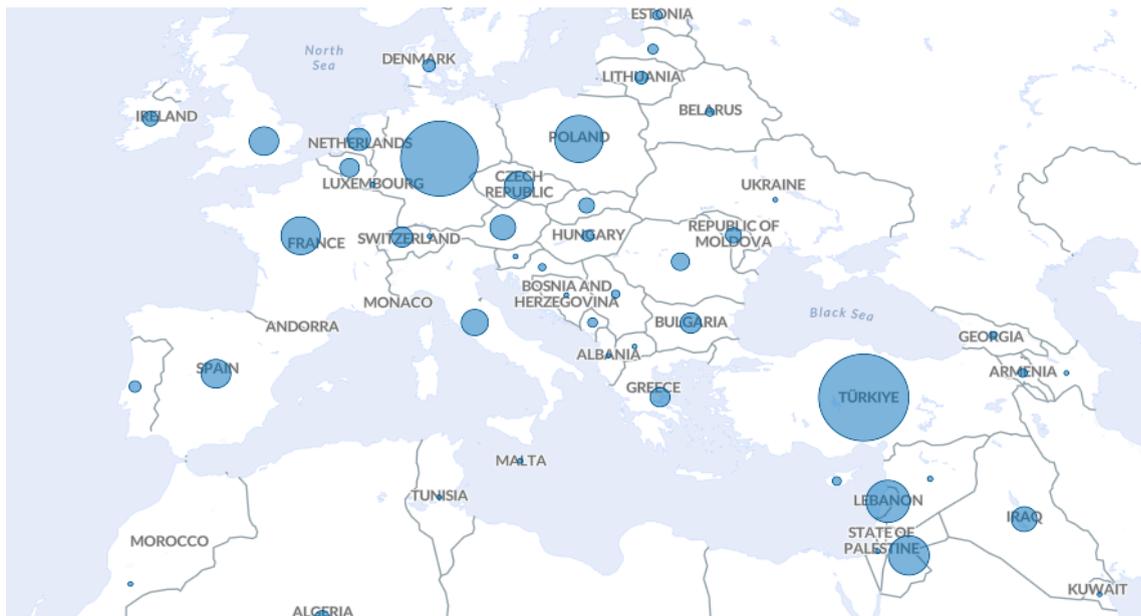
Apesar das revoltas terem surtido efeito, em alguns países suas consequências foram caóticas, que foram, infelizmente, os casos da Síria e do Iraque. No primeiro, o regime perdeu grande parte do território para o Estado Islâmico¹⁴, tornando-se um participante da guerra civil no país que dura até os dias atuais. Posteriormente invadindo o Iraque. O Estado Islâmico só veio a ser mitigado da região em 2016, depois do apoio de uma coalizão de países que ainda persiste na região (Goldschmidt; Al-Marashi, 2022, p. 504-516).

Foram os eventos após a Primavera Árabe que iniciaram os grandes êxodos do Oriente Médio para outros países na região e para Europa. Somente na Síria foram 6,3 milhões de desalojados internos e 5 milhões que tentaram fugir para outros países (Goldschmidt; Al-Marashi, 2022, p. 516).

No dia 25 de junho de 2023, a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) registrou que 52% de todos os refugiados e outras pessoas em necessidade de proteção internacional vieram de apenas três países: Síria, Ucrânia e Afeganistão. Somando o montante, são 18,5 milhões de pessoas deslocadas e, desse número, 68% são da região do Oriente Médio. Segundo o mesmo relatório, dentro da Europa, Alemanha e a França estão entre os países que mais receberam o fluxo de deslocados com, respectivamente, 2.509.500 e 641.600 refugiados abrigados (FIGURA 4).

Figura 4 - Concentração de refugiados na Europa

¹⁴ Organização jihadista de orientação sunita, criada em 2003 após a invasão do Iraque pelos Estados Unidos. Era afiliada à Al-Qaeda.



Fonte: Maps of forcibly displaced and stateless people¹⁵

¹⁵ Disponível em:
<<https://www.unhcr.org/refugee-statistics/insights/annexes/forcibly-displaced-maps.html>>. Acessado em: 08/04/2024.

2º CAPÍTULO

Entender a percepção dos Estados Europeus sobre a imigração e seus reflexos na região é um desafio. Isso pelo fato de estarmos analisando uma dicotomia, uma verdadeira oposição entre o discurso e a prática.

Apesar dos avanços da UE, em relação às políticas migratórias através do Acordo de Schengen, facilitando a circulação de cidadãos europeus e turistas em países signatários, vemos o exemplo Francês, onde, pressionado por um fluxo indesejado de imigrantes realizou um pedido de reforma à UE devido a uma crise diplomática entre Itália e França, depois que este país interrompeu o tráfego de trens vindos da cidade italiana de Ventimiglia, fronteira entre os dois Estados, para impedir a entrada de imigrantes tunisianos, no dia 17 de abril de 2011. Com o aumento da emigração da Tunísia, devido aos conflitos políticos no país, fruto da primavera árabe, o governo italiano deu vistos temporários de seis meses a milhares de tunisianos, dessa forma, eles poderiam sair da Itália e entrar legalmente na França, país de visto pela maioria. Entretanto, a reação francesa foi contrária, utilizando-se de um aparato legal, no artigo 25º, do Código Schengen, prevendo a possibilidade de retorno dos controles nas fronteiras entre os Estados membros no caso de ameaça à segurança nacional e à ordem pública. A justificativa francesa foi aceita pela Comissão Europeia. Com a concessão de vistos e a quebra da regra de livre circulação, tanto a Itália como a França tentavam dispensar os refugiados, sem refletir sobre as consequências de jogá-los de lado para o outro, que obviamente foi a dispersão deste para outros países europeus (VELASCO, 2014).

Ademais, com a criação de campos para admissão de refugiados, dentro da Europa, diversos Estados membros da UE incentivaram a construção deste, fora da Europa. Existindo alguns deles em países como a Tunísia, a Líbia e a Argélia (BIGO, 2007, p.5).

Estima-se que aproximadamente duas mil mulheres usem a burca e o niqab e, desde 11 de abril de 2011, elas estão proibidas por lei de usá-los em espaços públicos. A punição para o descumprimento da lei é uma multa de 150 euros e um “curso de cidadania”. Já no caso de homens que forcem uma mulher a usar burca ou niqab, receberão uma multa de 30 mil euros e

poderão ser condenados a até dois anos de prisão. Essa medida afeta cerca de 65 milhões de habitantes da França e serve à narrativa de que o Islã é uma religião expansionista e que a maior taxa de nascimentos entre os muçulmanos, ameaça a extinção dos valores franceses (VELASCO, 2014).

Ao analisarmos os casos expostos, o que deve nos chamar atenção, além da situação dos refugiados em si, é, em primeiro lugar, a forma como o discurso securitário ocidental, como um todo, é utilizado como aparelho para criação de um estado de exceção sobre a norma jurídica vigente. No primeiro caso, a responsabilidade soberana foi isentada, tanto pela Itália como pela França, sobre um pressuposto de ameaça securitária que, após aprovada pela Comissão Europeia, não voltou os olhos para a problemática inicial que era o fluxo migratório. Em segundo lugar, vemos a “tercerização”, da responsabilidade soberana através da criação de campos de refugiados fora de seu país para avaliação de pedidos de entrada para refúgio. E, em último caso, vemos como um Estado Democrático, que, teoricamente, deixa seus cidadãos livres para se expressarem civil e religiosamente coloca restrições sobre a forma de vida dos demais indivíduos (VELASCO, 2014).

Ademais, colocando as situações expostas face às situações atuais, como a Guerra na Ucrânia, por exemplo. Vemos que, o fluxo de refugiados é muito melhor recebido, acolhido e incluído nas sociedades europeias. Apesar de não termos uma dispersão tão grande como em outras crises como a afgã e a síria, vemos que existe uma maior solidariedade para os ucranianos. Principalmente, no que se refere ao envio de recursos para suporte da população, garantias de vistos de trabalhos por até 3 anos, acesso a assistência social, moradia, atendimento médico e acesso às escolas (BBC NEWS, 2022).

Portanto, esses casos elucidam que existe uma arbitrariedade sobre a imigração. O imigrante não europeu é visto como uma ameaça à segurança por não pertencer ao mesmo escopo étnico cultural, mas, sobretudo por ter, atribuído a ele, um caráter de uso temporário para os estados imigrantes. Isso, ao mesmo passo que imigrantes de dentro da Europa são recebidos com auxílios e suportes dos demais estados.

Tal arbitrariedade não é acidental. Em 1992, o Tratado de Maastricht deu início a União Europeia, fundada sob três pilares: as Comunidades

Europeias, a política externa e de segurança comum (PESC) e a cooperação nos domínios da justiça e dos assuntos internos (JAI). Estes, representam na instituição supranacional a vontade e interesses dos países que fazem parte da própria organização. Dessa forma, podemos dizer que a UE funciona como uma instituição que legitima e sedimenta uma noção de identidade europeia criada com mecanismos para manutenção do poder dos próprios cidadãos europeus (VELASCO, 2014).

Em seu livro *Security: A New Framework for Analysis*, Buzan traz o conceito de securitização, que compreende três etapas: nomear um tema como um problema de segurança, a sociedade aceitar a nomeação e, por fim, autorizar a adoção de medidas de emergência. Além disso, existem diferentes setores que podem ser atacados e quatro principais em que a securitização é possível: político, ambiental, econômico e social.

Tendo em vista o processo de securitização, podemos destacar como os mecanismos da União Europeia em sua primazia formados pelo Tratado de Maastricht, facilitaram a construção de uma narrativa securitária ao redor da temática migratória por unificar, através do PESC, a política externa e a política de segurança comum somado com a cooperação nos domínios de justiça e dos assuntos internos, todas agindo de forma intergovernamental.

Vale ressaltar que essa construção securitária não é promovida somente pelos órgãos políticos nacionais e supranacionais europeus, mas também, pela população. Devemos destacar esse detalhe, pois, diferentemente de uma ameaça securitária como uma guerra, por exemplo, o envolvimento militar quase não existe. Em outras palavras, não existe um campo de batalha definido para lutar contra quem ameaça culturalmente a outrem. Se temos a cultura como uma construção social, chegamos à conclusão que ela só pode ser ameaçada se, no contexto social de determinada região, apareçam outras culturas que aos poucos vão se sobrepondo sobre a cultura “original” daquele lugar. Dessa forma, a securitização cultural é levada para o cotidiano, para os debates e para o meio social, ao invés de se limitar ao campo de batalha específico (VELASCO, 2014).

Podemos ver isso na prática de forma muito simples, as corridas eleitorais tanto na França como na Alemanha. Existiu-se um crescimento de

popularidade pelos partidos de extrema direita entre os períodos de maior fluxo de refugiados. Exemplo disso, é o aumento da popularidade do partido *Rassemblement National* francês, representado por Le Pen, ferrenha apoiadora do discurso anti-imigração bem como a antiglobalização. A imigração, para ele, implica em perder a identidade nacional, deteriorar a segurança e aumentar o desemprego. Para fundamentar a sua posição, o Eurobarómetro¹⁶ de 2016 apontou que, tanto a imigração como o terrorismo eram as maiores preocupações entre os franceses (LIMA, 2018).

Já no caso Alemão, a chegada dos imigrantes contribuiu para suprir a demanda de trabalho no país, principalmente em setores importantes da economia, na área da saúde, indústria e serviços, em geral. Isso se deu pelo problema demográfico alemão, onde a expectativa de vida é de cerca de 80 anos e a taxa de natalidade de 1,35 filhos por mulher. Entretanto, apesar de, inicialmente, o fluxo ter sido bem recebido, com o tempo, ele passou a ser percebido negativamente devido ao aumento dos custos do sistema de segurança social e nos orçamentos regionais do país. Além disso, a questão identitária alemã e no âmbito social impulsionou o meio político a mudar a sua posição sobre o fluxo de imigrantes (MARRA, 2023).

Tanto no caso alemão como no francês vemos que a opinião pública é um dos pontos que coloca a imigração em cheque, contribuindo para a securitização do assunto que expomos acima. Podemos analisar, de uma melhor maneira, essa percepção popular pela pesquisa da European Social Survey¹⁷, que procurou responder a pergunta: como são vividos, pelos cidadãos europeus, estes fluxos migratórios mais recentes e a chamada 'crise dos refugiados'?

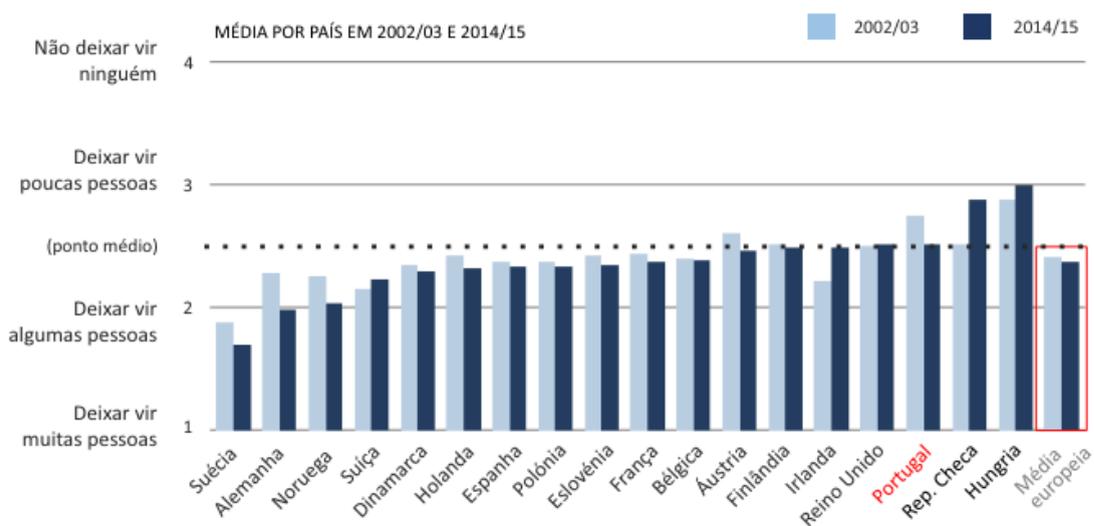
A pesquisa coloca em contraposto dados de 2002/3 e 2014/15, de 20 países analisados. As respostas da pesquisa foram recolhidas nas devidas residências com duração média de uma hora. Ademais, o boletim foi organizado em torno de 4 tópicos: (1) Abertura ou oposição à entrada de imigrantes?; (2) São os imigrantes percebidos como uma ameaça?; (3) Quem pode entrar?, e; (4) Abertura ou oposição ao acolhimento de refugiados?

¹⁶ Série de pesquisas de opinião pública realizadas pela Comissão Europeia desde 1973.

¹⁷ O Inquérito Social Europeu é um esforço científico social para mapear as atitudes, crenças e padrões de comportamento da população de vários países Europeus.

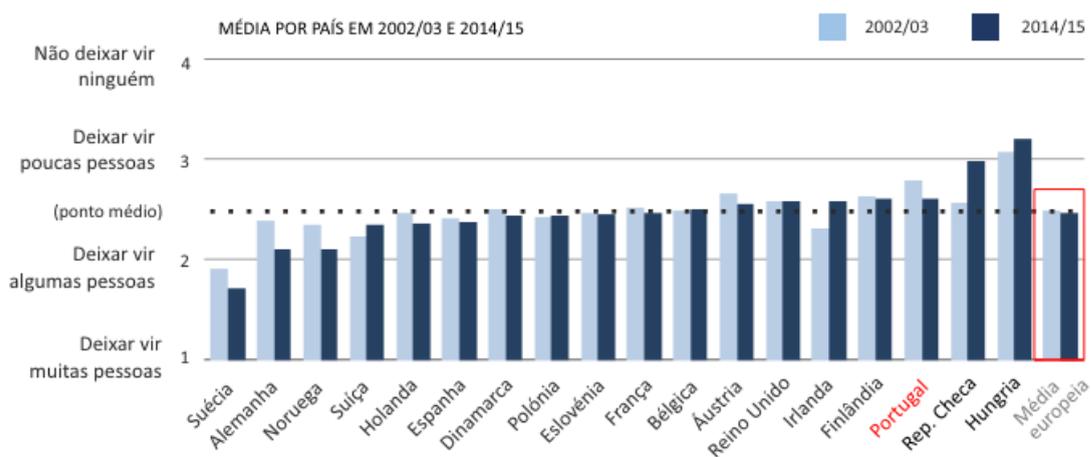
Na primeira pergunta, foi solicitado, primeiramente, qual o grau de abertura e ou oposição sobre a entrada de imigrantes em seu respectivo país. (FIGURA 5) Em segundo momento, a pergunta foi especificamente para a abertura de imigrantes pertencentes a grupos étnicos diferentes e/ou de países pobres que não fossem europeus (FIGURA 6).

Figura 5 - Índice geral de abertura/oposição à entrada de imigrantes.



Fonte: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/26525/1/ICS_ARamos_Migracoes_ResearchBrief.pdf¹⁸

Figura 6 - Abertura/Oposição à entrada de imigrantes de “grupos étnicos diferentes” e “países pobres não europeus”.



Fonte: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/26525/1/ICS_ARamos_Migracoes_ResearchBrief.pdf¹⁹

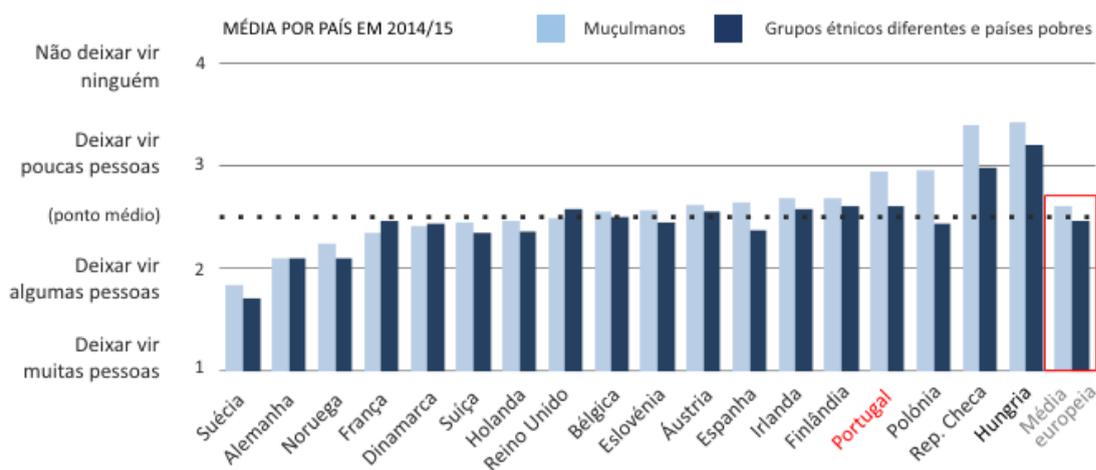
¹⁸ Acessado em: 05/05/2024

¹⁹ Acessado em: 05/05/2024

Com os gráficos expostos, podemos analisar que os dados são similares. Analisando de forma específica a França, vemos que tivemos uma diminuição sobre a receptividade entre os anos analisados, assim como a Alemanha. Entretanto, vemos que o Estado Francês se coloca em uma postura mais receptiva que o Alemão.

Em última instância, temos uma comparação entre a recepção de imigrantes de países pobres como um todo em contraste com a de muçulmanos (FIGURA 7).

Figura 7 - Abertura/Oposição à entrada de imigrantes muçulmanos e de imigrantes de “grupos étnicos diferentes” e “países pobres não europeus”



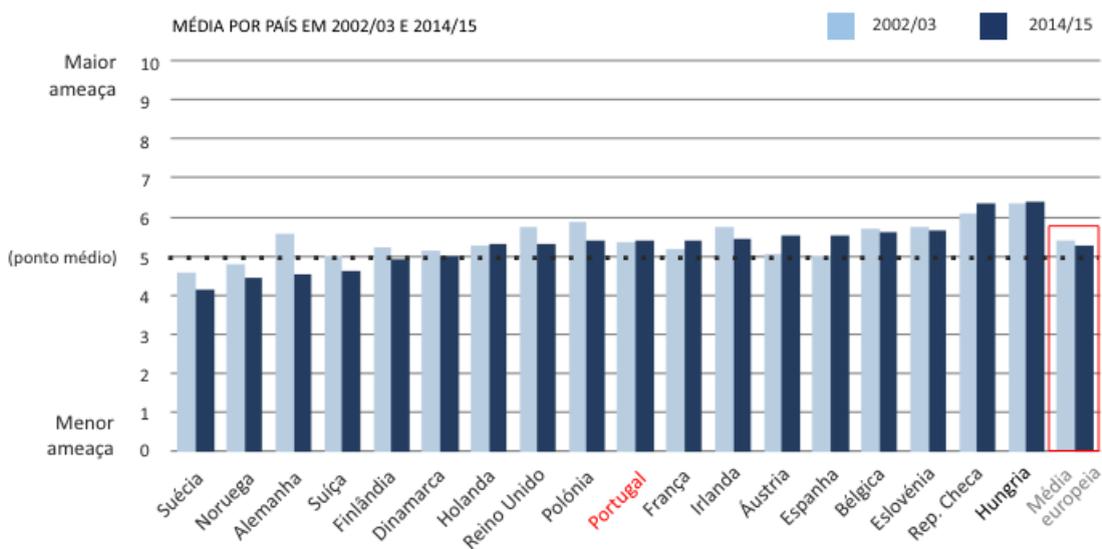
Fonte: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/26525/1/ICS_ARamos_Migracoes_ResearchBrief.pdf²⁰

Neste caso, podemos perceber que a Alemanha permaneceu, em geral, no mesmo nível de abertura para recebimento de muçulmanos enquanto que a França se tornou menos receptiva. Ambas, entretanto, se mostram em posição divergente com a média europeia.

Para a segunda pergunta, foi-se dividida a ameaça em diferentes tipos: econômica (FIGURA 8), segurança (FIGURA 9) e cultural (FIGURA 10).

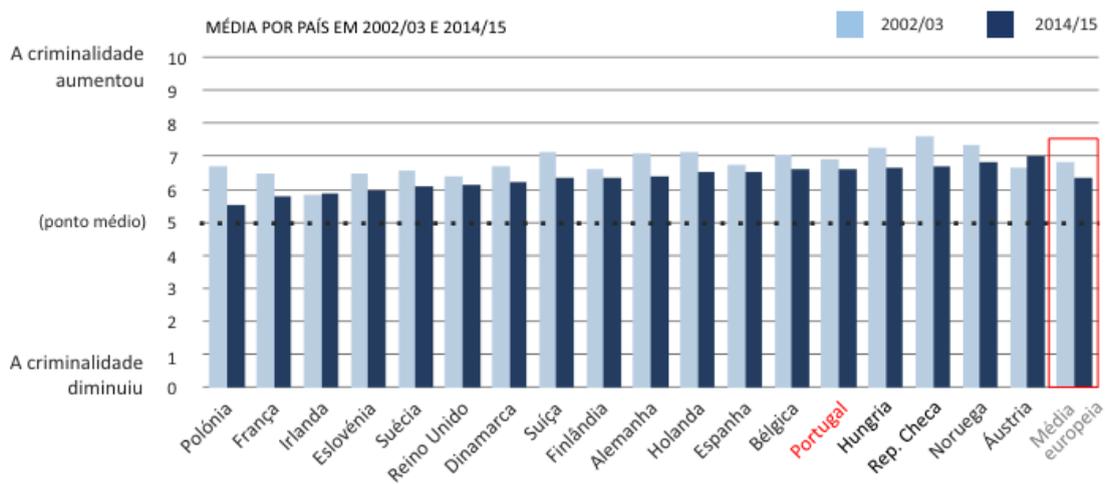
Figura 8 - Ameaça econômica.

²⁰ Acessado em: 05/05/2024



Fonte: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/26525/1/ICS_ARamos_Migracoes_ResearchBrief.pdf²¹

Figura 9 - Ameaça à segurança.

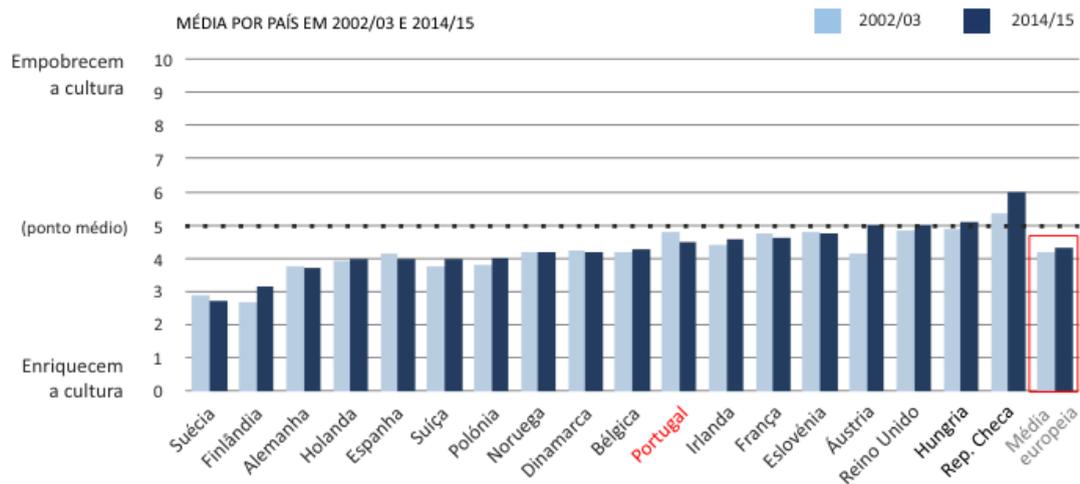


Fonte: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/26525/1/ICS_ARamos_Migracoes_ResearchBrief.pdf²²

Figura 10 - Ameaça cultural

²¹ Acessado em: 05/05/2024

²² Acessado em: 05/05/2024



Fonte: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/26525/1/ICS_ARamos_Migracoes_ResearchBrief.pdf²³

Na primeira, podemos ver que, para Alemanha o imigrante passou a ser visto de forma menos ameaçadora para economia, enquanto na França, ele passou a ser mais ameaçador. Vale salientar que, embora localizadas em lados opostos do ponto médio, podemos dizer que ambas se encontram com uma pontuação elevada.

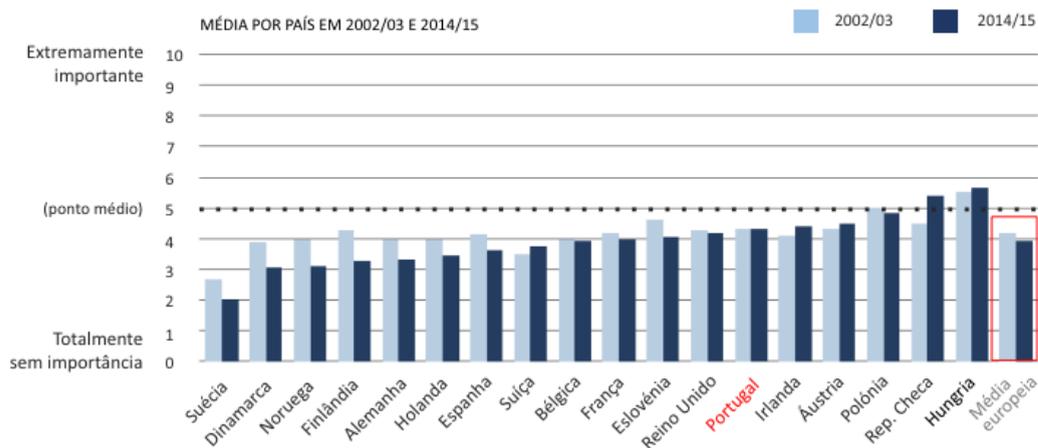
No segundo gráfico, percebemos que em ambos países a percepção do imigrante como uma ameaça a segurança diminuiu, entretanto, esta percepção ainda é majoritária, visto que se localiza acima do ponto médio do gráfico.

No terceiro caso, podemos analisar que o âmbito cultural não é visto como tão “ameaçado”, pela presença de imigrantes. Ademais, ao analisarmos o caso francês, vemos que para este país o imigrante é visto como uma ameaça maior do que para o caso alemão.

Partindo para a terceira pergunta da pesquisa, o gráfico abaixo representa se para o país é importante ou não a atribuição de critérios étnicos para seleção de imigrantes (FIGURA 11).

Figura 11 - Importância de critérios étnicistas na seleção de imigrantes

²³ Acessado em: 05/05/2024

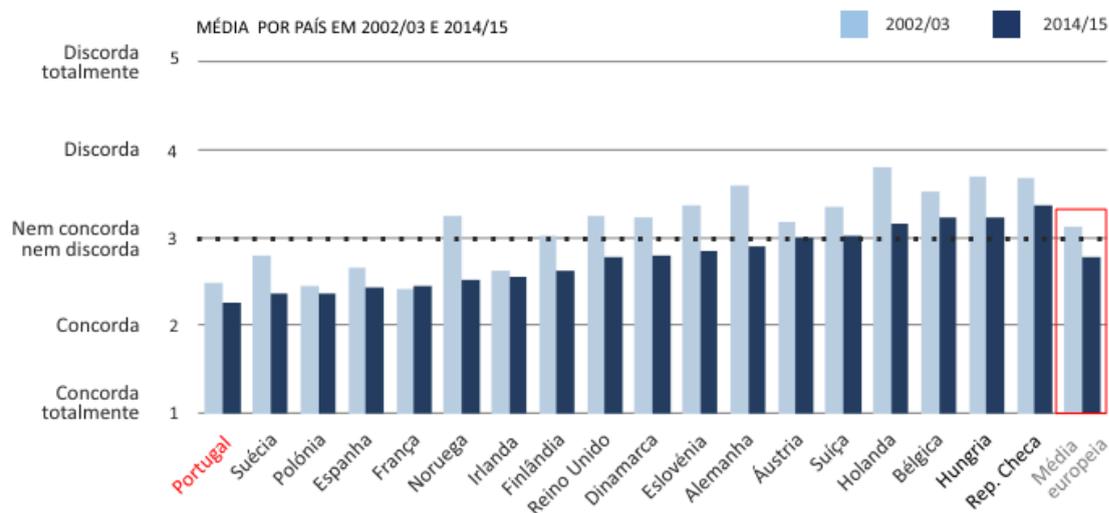


Fonte: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/26525/1/ICS_ARamos_Migracoes_ResearchBrief.pdf²⁴

Neste caso, podemos ver que, para Alemanha, a necessidade de critérios decresceu consideravelmente. Na França também se observa uma queda, entretanto, uma mais tímida, ainda deixando o país próximo do ponto médio.

Para o caso da última pergunta, vemos qual é o posicionamento sobre a flexibilidade no acolhimento aos refugiados (FIGURA 12).

Figura 12 - Grau de concordância com maior flexibilidade no acolhimento de refugiados



Fonte: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/26525/1/ICS_ARamos_Migracoes_ResearchBrief.pdf²⁵

Analisamos que, com o passar dos anos, a França passou a concordar menos com a flexibilização, enquanto a Alemanha começou a aumentar consideravelmente com a posição concordante. Vale destacar que, apesar

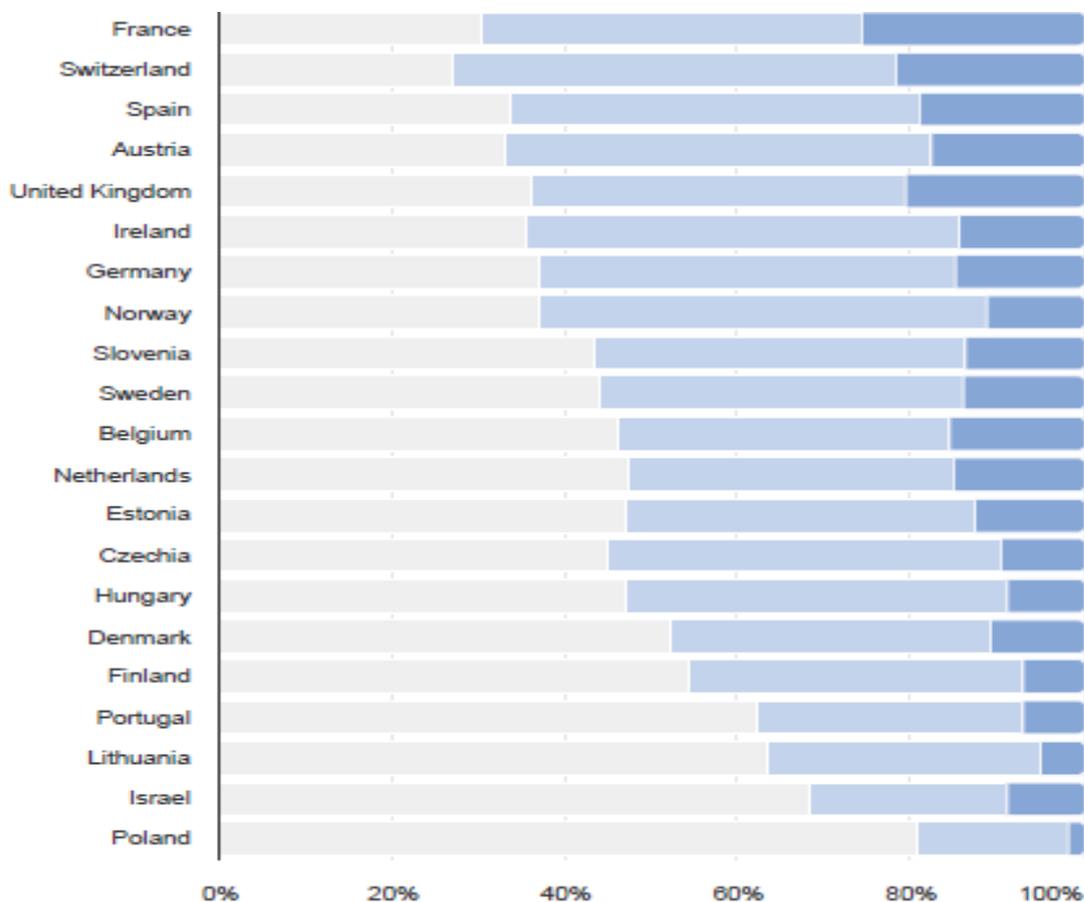
²⁴ Acessado em: 05/05/2024

²⁵ Acessado em: 05/05/2024

desta ter um aumento de concordância, diferentemente do outro país, seu grau geral ainda é maior, colocando-a perto de uma posição neutra, enquanto a outra, está mais próxima ainda de uma posição favorável à flexibilização.

É interessante comparar os resultados apresentados com outra pesquisa feita pelo European Social Survey, buscando levantar a porcentagem de pessoas de uma minoria racial e/ou étnica em alguns países europeus no ano de 2014. Neste gráfico, a cor cinza determina um pequeno número de pessoas, a cor azul clara indica algumas pessoas e a azul mais escura aponta um grande número de minorias (FIGURA 13).

Figura 13 - Pessoas de minoria racial/étnica vivendo na região



Fonte: <https://ess.sikt.no/en/?tab=overview>.²⁶

É interessante colocar esta pesquisa em contraponto com a anterior, analisando o posicionamento da França e Alemanha sobre a imigração e quantas pessoas foram, de fato, acolhidas. Na primeira, temos uma mudança

²⁶ Acessado em: 05/05/2024

por um protecionismo de fronteiras maior, enquanto na segunda temos uma mudança por uma abertura maior das fronteiras. Analisando o gráfico acima, vemos que, mais regiões francesas abrigam um grande número de minorias étnicas, bem como, existem menos regiões com pouca diversidade étnica comparada com a Alemanha. Esta, por sua vez, possui um número quase que equilibrado entre áreas com poucas minorias e com algumas minorias étnicas.

Os censos nos dão uma sólida base para entender a percepção europeia sobre a imigração e seus desdobramentos, entretanto eles não conseguem contemplar outros indicadores que são importantes para entender como a percepção europeia sobre a imigração hoje.

Na França, especificamente, vemos um crescimento considerável da extrema-direita representado pelo partido Frente Nacional, sob a figura de Marine Le Pen que recolheu, em 2017, cerca de 10,6 milhões, de acordo com os resultados do Ministério do Interior Francês. Já em 2012, foram 6,4 milhões e, em 2002, conquistou 5,52 milhões de votos. Isso mostra que a França está cada vez mais aberta a pautas da extrema direita (NOVAES, 2018).

Analisando os votos, vemos que os principais apoiadores do partido pertencem à classe operária, que se sente marginalizada por parte do governo. Os operários criticam a entrada de imigrantes no país e usufruem daquilo que deveria ser revertido. Para Nonna Mayer, cientista política francesa, os simpatizantes da FN demonstram uma intensa intolerância ao outro. Essa noção foi verificada por uma pesquisa elaborada pela Comissão Nacional do Direito dos Homens, em 2014. Onde quatro grupos de indivíduos foram divididos conforme nível de etnocentrismo. Os resultados mostraram que 87% dos apoiadores da Frente Nacional são considerados muito etnocêntricos, enquanto que, apenas 48% dos eleitores dos demais partidos de direita; 33% dos membros ou apoiadores dos partidos de centro e 18% entre os eleitores da esquerda (MAYER, 2015).

Portanto, interpretando os dados, chegamos à conclusão de que os membros do partido da extrema-direita são, em sua maioria, indivíduos que consideram a França como uma nação superior em comparação com as outras.

Ademais, existe ainda uma outra camada para os simpatizantes da extrema direita francesa, que é a repulsa declarada aos muçulmanos. Em questionários da Comissão Nacional do Direito dos Homens, realizados em 2014, mostram a imagem que a sociedade francesa tem das minorias culturais e religiosas, de forma mais específica a judaica e muçulmana. Foram usadas três perguntas básicas: primeiro, as minorias são "franceses como os outros"?; elas formam um "grupo à parte"?; por fim, existe a necessidade de uma sanção mais forte para puni-los quando cometidos delitos? Cerca de 87% dos entrevistados acreditam que os judeus franceses são "franceses como os outros", contra 72% que pensam o mesmo para os muçulmanos franceses. A ideia de que os judeus são "um grupo à parte" é compartilhada por 31% dos entrevistados, mas 53% quando se refere a muçulmanos. A visão de que a religião judaica evoca algo negativo é verdade para 19% dos entrevistados, mas para com a religião muçulmana foi de 36%. Mesmo a demanda por mais penalidades judiciais para aqueles que dizem "judeus sujos" é um pouco mais forte para os que se referirem aos árabes como sujos, respectivamente 81% e 78% (MAYER, 2015).

Na Alemanha, por sua vez, temos uma raiz histórica mais profunda com os temas de imigração. É um país que viveu grandes fluxos de emigração na pré-segunda guerra mundial, passou por grandes problemas com deslocados internos ao final da mesma guerra, fez acordos de imigração de trabalhadores com países vizinhos para reconstrução da pátria e se tornou, de fato, um país de imigração. Prova disso são o número de 107 mil requerentes de asilo entre 1970 e 1980, e, posteriormente, o número de 440 mil entre 1984 e 1992 (JAECKEL, OLIVEIRA, 2021).

Esses fatos já fizeram com que a Alemanha se preocupasse com a condução de políticas migratórias mais estruturadas. Nos anos 2000 foi-se criada a Lei de Nacionalidade²⁷ que impôs condições para naturalização do estrangeiro: fluência em alemão, residir por 8 anos no país, possuir autorização de residência, não ter antecedentes criminais e ser independente financeiramente. Ademais, existe ainda a Lei da Imigração²⁸, que estipulou que os imigrantes deveriam passar por cursos de integração orientados pela

²⁷ Conhecida no país como "Staatsangehörigkeitsgesetz", ou "StAG".

²⁸ Conhecida no país como "Das Zuwanderungsgesetz".

Agência Federal das Migrações e Refugiados (BAMF)²⁹, onde, além de aprender o idioma do país, é ensinado sobre história, sistema político e sobre a cultura alemã (JAECKEL; OLIVEIRA, 2021).

Portanto, podemos ver que, diferentemente do Estado Francês, a Alemanha possui uma história mais estreita com a imigração e, conseqüentemente, se preparou politicamente e institucionalmente para esse tipo de demanda social. Entretanto, o fato do Estado Alemão possuir Leis e Gabinetes para regular a imigração não condiciona a boa recepção dos emigrados. Dentro das próprias legislações, vemos que, muitos dos requisitos somente apresentam-se como possíveis para indivíduos bem posicionados, ou seja, que fizeram uma migração planejada, possuem um bom grau de instrução e boa fonte de renda. Confirmando a pesquisa feita pelo European Social Survey de que os imigrantes são vistos como uma ameaça econômica.

Além disso, a preocupação institucional alemã, através do BAMF, de ensinar a cultura local ao emigrado coloca em evidência que, em certo grau, o imigrante é visto como uma ameaça à cultura do país. Essa imagem ameaçadora do refugiado é reforçada ainda, por uma pesquisa realizada em 2016, pelo The Barometer of Public Opinion.

Na pesquisa, foi inferido que 55% dos entrevistados acreditavam que refugiados deveriam retornar para seus países quando as guerras acabassem, enquanto 28% se mostravam a favor de conceder permissão para que permanecessem, 44% dos participantes expressaram uma preocupação de que a migração em grande escala poderia ter impactos negativos, especialmente a curto prazo, na vida cultural da Alemanha (THE BAROMETER OF PUBLIC OPINION ON REFUGEES, 2016).

Posteriormente a pesquisa aponta mais para as percepções de ameaça da população, onde os resultados também uma forte percepção de risco relacionados à migração, com 74% dos entrevistados acreditando que a vinda de refugiados para a União Europeia e a Alemanha representava mais ameaças do que oportunidades e 47% dos participantes afirmaram que a

²⁹ A BAMF, sigla para “Bundesamt für Migration und Flüchtlinge”, é um Gabinete Federal que atua como centro de competência para asilo, migração e integração na Alemanha. É responsável pelo processamento dos pedidos de asilo e pela garantia da proteção dos refugiados e atua como um motor para a promoção nacional da integração.

presença de refugiados tornava a Alemanha um país menos atrativo para se viver. Por fim, a pesquisa ainda concluiu que os refugiados muçulmanos foram os que mais geraram preocupações na população. “Entrevistados acreditam que os refugiados prejudicam a vida cultural e os valores fundamentais da Alemanha em vez de enriquecê-los” (THE BAROMETER OF PUBLIC OPINION ON REFUGEES, 2016)

Outrossim, podemos ver, através do crescimento no número de votos e adeptos alcançados pelo partido político de extrema-direita, conhecido como “Alternativa para a Alemanha”³⁰, uma confirmação da pesquisa acima, através da política, sobre a percepção dos cidadãos alemães sobre as pautas imigratórias. O partido mantém uma postura que conta com forças conservadoras nacionais e fundamentalistas cristãs, cujos membros representam posições autoritárias, nacionalistas, homofóbicas, antifeministas e antisemitas (JAECKEL; OLIVEIRA, 2021).

Em 2017, o partido conseguiu a entrada na Bundestag³¹ com 12,6% de votos, em comparação com o ano de 2013 o partido obteve somente 4,7% dos votos e não conseguiu entrar nas cadeiras do Parlamento, que estimula um mínimo de 5% de sufrágio para participação. Além disso, no mesmo ano, a AfD conseguiu obter cadeiras em 57 dos 58 conselhos locais. O partido alcançou seu melhor resultado na capital do estado de Hesse em 2016, obtendo 12,8% dos votos e 11 cadeiras nas eleições locais em Wiesbaden, enquanto seu pior resultado foi obtido na cidade de Hamm, na Renânia do Norte-Vestefália em 2014 (0,6% e 0 cadeiras). (GROSS; JANKOWSKI, 2020)

Vale analisar que, apesar do AfD ter logrado votos consideráveis nas eleições de 2016 em todas as Länder³², sua força maior se encontra nas regiões da Alemanha Oriental. Isso se dá pelo fato de que, o discurso anti-imigratório e econômico do partido foi mais assimilado pelas partes mais pobres do país europeu, onde os índices de desemprego estão acima da média nacional de 6%, nas regiões de Mecklemburgo-Pomerânia Ocidental, Saxônia-Anhalt, Saxônia e Brandemburgo registram índices de desemprego

³⁰ Alternative für Deutschland (AfD), foi fundado no ano de 2013, pouco antes das eleições legislativas daquele ano. Tendo como fundadores e iniciais expoentes Bernard Lucke, Alexander Gauland e Konrad Adam.

³¹ Parlamento da República Federal da Alemanha.

³² Abreviação do termo Bundesländer, que se refere aos 16 estados federados que compõem a Alemanha.

de 9,6%, 9,1%, 7,3% e 7,6%, respectivamente. Somado ao desemprego, essas regiões são as que mais possuem trabalhadores que se beneficiam da seguridade nacional, os índices para as mesmas regiões são de 10,3%, 11,1%, 8,2% e 8,7%, enquanto a média nacional é de 7,6% (THE FEDERAL RETURNING OFFICE, 2017).

Em suma, vimos, em primeiro momento, como os Estados criam um sistema de exceção para tratar os imigrantes. Posteriormente, analisamos qual é a percepção dos cidadãos franceses e alemães a partir de pesquisas de opinião pública e o aumento da popularidade de partidos de extrema direita que advogam contra a imigração.

Podemos inferir, portanto, que o Estado Francês se coloca em uma postura mais contrária a imigração que o Estado Alemão. Isso pode ser explicado, primeiramente, pela história imperialista francesa e suas relações com as colônias, alguns países em que seus residentes têm a França como destino para asilo. Em segundo lugar, temos a visão do imigrante como uma ameaça cultural, econômica e securitária, pontos destacados pelo partido de extrema direita Frente Nacional.

No caso alemão, a abertura maior se dá pela relação histórica que o país possui com a imigração, pela sua necessidade demográfica, que ajudou na absorção dos refugiados no mercado de trabalho e pelo esforço de Merkel em receber os refugiados inspirados por um sentimento de remissão. Ademais, pode-se inferir também que os alemães estavam mais preparados politicamente e institucionalmente que o vizinho francês, facilitando o esforço político. Não obstante, o país possui também um aumento na popularidade de partidos de extrema-direita que pode ser explicado pela preocupação de parte da população com o futuro cultural e econômico do país. Em termos gerais, podemos perceber que uma das ameaças discutidas e que geram preocupação é o terrorismo.

No caso específico alemão, existe ainda uma questão emblemática que gira em torno do passado do país que é o sentimento de remissão pelas atrocidades cometidas na Segunda Guerra Mundial e, somado a isso, a falta de atuação sobre o problema dos refugiados no início dos anos 2000. Apesar desta pesquisa tratar sobre a percepção do imigrante muçulmano, é inegável

ver o esforço alemão, sob chancelaria de Angela Merkel³³, em abrigar os refugiados e conduzir a União Europeia para o mesmo caminho, mesmo sob protesto de outros países como a Hungria, na figura de seu primeiro ministro Viktor Orban³⁴, que construiu mais de um muro para impedir a entrada de imigrantes. Algo que prova essa vontade de remissão é o reconhecimento de Merkel: "em 2004 e 2005 já havia muitos refugiados, e nós deixamos a Espanha e outros países de fronteiras externas lidarem com isso. Naquela época, nós também rejeitamos uma distribuição proporcional dos refugiados" (DEUTSCHE WELLE, 2016).

De modo geral, podemos ver que os Estados criaram para os "outros", imigrantes, uma tratativa diferente ao indivíduo comum. Essa tratativa se encontra tanto no âmbito civil como no campo político e jurídico.

Existe, nesses estados, um verdadeiro Estado de Exceção para tratar com o imigrante. Tal Estado se caracteriza por um espaço institucional criado pelos soberanos para manter a ordem e o poder que define os princípios que vinculam os fundamentos políticos da ordem, e a legitimidade de qualquer direito demonstrando a anomia da vida em sua relação com o direito. Em outras palavras, o estado cria mecanismos para tratar certo assunto ou grupo, nesse caso os imigrantes como um todo, de forma diferente aquilo que é a norma. O próprio autor do conceito, Giorgio Agamben, defende tal posição em sua obra Estado de Exceção: Homo Sacer, II, I:

O totalitarismo moderno pode ser definido como a instauração, por meio do estado de exceção de uma guerra civil legal que permite a eliminação física não só dos adversários políticos, mas também das categorias inteiras de cidadãos que, por qualquer razão, pareçam não integráveis ao sistema político (AGAMBEN, 2004, p.13).

Giorgio ainda vem expor que:

O estado de exceção tende cada vez mais a se apresentar como o paradigma do governo dominante na política contemporânea. Esse deslocamento de uma medida provisória e excepcional para uma técnica de governo ameaça transformar radicalmente e, de fato, já transformou de modo muito perceptível – a estrutura e o sentido da distinção tradicional entre os diversos tipos de constituição. O estado de exceção apresenta-se,

³³ Política Alemã que serviu como Chancelar Alemã de 2005 até 2021.

³⁴ Político húngaro que serve como primeiro-ministro desde 2010.

nesta perspectiva, como um patamar de indeterminação entre democracia e absolutismo (AGAMBEN, 2004, p.13).

Portanto, podemos perceber que os casos debatidos no começo deste capítulo, fundamentados por uma narrativa securitária, se configuram como uma exceção criada pelos Estados. Mais adiante, podemos ver como a narrativa se tornou comum aos cidadãos, ou seja, como foi atrelada ao imigrante uma imagem de insegurança ao Estado que o acolhe. Algo que é muito mais intenso para aqueles que são árabes e muçumanos.

3º CAPÍTULO

Não devemos tão somente olhar a presença do muçumano na França e Alemanha através dos olhos europeus. Devemos guiar-nos sobre a perspectiva dessa minoria no espaço europeu. Nele, apesar das liberdades e garantias, mesmo que fictícias, verificamos que muitos jovens muçulmanos afirmam o seu sentimento de pertença não ao seu país de acolhimento e aos valores democráticos, mas sim a uma identidade religiosa comum. Fato é que, essa estrutura europeia que agrega o outro mas não o inclui, cria, não só em termos socioeconômicos, mas sobretudo, no funcionamento da sociedade, diversos guetos culturais.

Este estado proporciona condições ideais de vulnerabilidade para a difusão do radicalismo religioso, principalmente pela relação da imigração como um sistema social que mantém a relação de dominação entre o país de imigração e o de emigração. Somado a isso, o imigrante, nessas condições não é visto como um cidadão, mas sim, como uma força de trabalho. Somente, por essa condição é que é tolerada a sua permanência. Isso reforça a ideia de dominação, visto que, o imigrante, uma vez sendo somente como força de trabalho, se submete a uma condição precária, se tornando, unicamente, como um instrumento para o Estado que o recebeu, e, uma vez que sua força de trabalho não for mais necessária, sua permanência deixará de ser bem vinda.

Existe, na verdade, um processo europeu de tentativa de despolitização do imigrante, ele carrega consigo o potencial de ser excluído. Esse movimento transforma a imigração como um feito moral e ético, conferindo ao Estado Imigrante um caráter de generosidade por receber e dar trabalho ao estrangeiro, que não é grato pela atitude. Forma-se portanto, um sistema de trocas, que revela uma relação de hierarquias sociais de poder, onde o imigrante renuncia sua agência, ou seja, ele abdica de se fazer presente com a sua própria narrativa sobre sua condição para não ser visto como ingrato ao soberano que lhe abrigou, recebendo assim, possivelmente, a recompensa da cidadania (Moulin, 2012).

Em concordância com o descrito acima, Said aborda, em sua obra *Orientalismo*, sobre como o árabe e muçulmano é percebido no Ocidente:

Há, nesse ponto, um consenso quase unânime de que politicamente ele não existe e, quando lhe é permitida, ele aparece como um incômodo ou como um oriental. A teia de racismo, estereótipos culturais, imperialismo político, ideologia desumanizadora que reprime os árabes ou os muçulmanos é realmente muito forte... (SAID, 2007. p. 58-59)

Acontece que, a visão que o Ocidente tem do árabe e do muçulmano é algo construído pelo próprio ocidente. Essa construção parte de uma vontade de compreender, controlar, manipular e até, em alguns casos, incorporar elementos do mundo oriental, nesse caso, do Oriente Médio. Fato é que, essa construção foi e ainda é feita por meio de uma relação desigual de poder político, intelectual, cultural e moral. Em outras palavras, o Oriental é visto não como ele, mas como o Ocidente quer que ele o seja visto (SAID, 2007; p.41).

Outrossim, a relação desigual de poderes mencionada acima parte de um histórico imperialista sobre a região, iniciado pela Inglaterra e França e que hoje ainda perdura pelos Estados Unidos da América.

Esse histórico imperialista exercia e exerce sua dominação, tendo como base seus parâmetros, em outras palavras, o seu modo de enxergar e estruturar seu país e cultura é imposto para que a cultura dominada seja compreendida. Um dos principais elementos dessa imposição é o princípio de homogeneidade cultural, herança da estruturação do estado francês. O conceito de “nação”, teve uma contribuição imprescindível para isso. Ele já era utilizado para definir comunidades de pessoas de ascendência comum, mas, após a revolução francesa, passou a caracterizar uma entidade politicamente integrada sob a forma da organização do estado, o que entendemos por Estado-Nação (FLORENZANO, 2007).

Para entendermos, entretanto, o Orientalismo, devemos entender como o Ocidente se enxerga. Através da obra *O processo civilizador* de Norbert Elias, podemos entender como é essa percepção.

Para ele, o que norteia a autoimagem do Ocidente, em geral, é o conceito de civilização francês e inglês, menos no caso alemão. Para os alemães, este conceito é um de segunda categoria, uma vez que exprime somente os comportamentos e atitudes, em outras palavras, aquilo que está no externo ao ser humano (ELIAS, 1994).

Dessa forma, o alemão utiliza dois conceitos: o *Zivilisation*, discutido acima, e o *Kultur*. Este segundo, é o que faz alusão aos fatos intelectuais, artísticos e religiosos. Portanto, o *Kultur*, delimita, dando maior importância às diferenças e à identidade particular. É certo dizer que, essa diferença entre civilização e cultura, para o alemão, é produto da tardia unificação do estado, que diferentemente da França e Inglaterra, teve de alinhar a unificação conforme as diferenças culturais dos estados que a compõem (ELIAS, 1994).

Para o caso Francês, o conceito de civilização já bastava para explicar e determinar seu modelo e pensamento sobre si. Portanto, pode-se inferir que “civilização” é a forma como a alta classe européia entende o desenvolvimento da sua própria história e, também, uma forma de se entender todo o desenrolar histórico dos outros povos, sempre estabelecendo uma relação de distanciamento entre o “nós”=“civilizados” e o “eles”=“bárbaros”. Assim, as nações que se denominam civilizadas acreditam estar no ápice do desenvolvimento da humanidade, o que lhes dá o direito de subjugar aqueles que são anteriores à civilização (ELIAS, 1994, p.64).

Destarte, conseguimos entender melhor o Orientalismo a partir dos conceitos de *Kultur* e civilização. Ora, se o oriental não é civilizado, o ocidente, civilizado, utiliza-se de seu poder político, intelectual e religioso para controlar o dominado. Este controle tem em seu princípio a diferenciação de todo aquele que não é o europeu, para, portanto, ser colocado como inferior.

Apesar de serem conceitos antigos, é fácil identificar tais posicionamentos ainda presentes nas sociedades francesas e alemãs. No capítulo anterior, foram apresentados os aumentos no número de votos em partidos de extrema direita anti-imigração e islamofóbicos, além da apresentação de pesquisas que mostravam a aversão ao muçulmano. Fica claro, quando analisado o contexto desses partidos, que eles se colocam como superiores à cultura islâmica (FIGURA 14; FIGURA 15; FIGURA 16; FIGURA 17; FIGURA 18).

Figura 14 - Um cartaz de campanha da AfD diz: "Pare a islamização".



Fonte: <https://bbc.com/portuguese/internacional-41315981>.³⁵

Figura 15 - Protesto pró-AfD na cidade alemã de Rostock em 2018.



Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56034486>.³⁶

Figura 16 - Propaganda do partido Frente Nacional: "Pare ou continue? É sua escolha, VOTE!".

³⁵ Acessado em: 31/05/2024

³⁶ Acessado em: 31/05/2024



Fonte: <https://emajmagazine.wordpress.com/2011/01/20/anti-islam-new-receipt-of-french-right-wing/>.³⁷

Figura 17 - Propagando do partido Frente Nacional: “Não ao islamismo! A juventude com Le Pen”.



Fonte: <https://emajmagazine.wordpress.com/2011/01/20/anti-islam-new-receipt-of-french-right-wing/>.³⁸

Figura 18 - Propagando da Frente Nacional



³⁷ Acessado em: 05/06/2024

³⁸ Acessado em: 05/06/2024

Fonte: <https://emajmagazine.wordpress.com/2011/01/20/anti-islam-new-receipt-of-french-right-wing/>.³⁹

As imagens acima mostram, em tons de crítica a aversão promulgada desses partidos ao estabelecimento da religião islâmica na região, além disso, mostram também o apoio da população para tais pautas. Além dos partidos de extrema direita, o jornal Charles Hepop, por exemplo, foi um pivô contra o islamismo, criando diversas charges e que, em determinado momento, culminou em um ataque terrorista ao jornal. (FIGURA 19; FIGURA 20)

Figura 19 - Charge do Charles Hepop: “Intocáveis 2! Não se pode rir”.



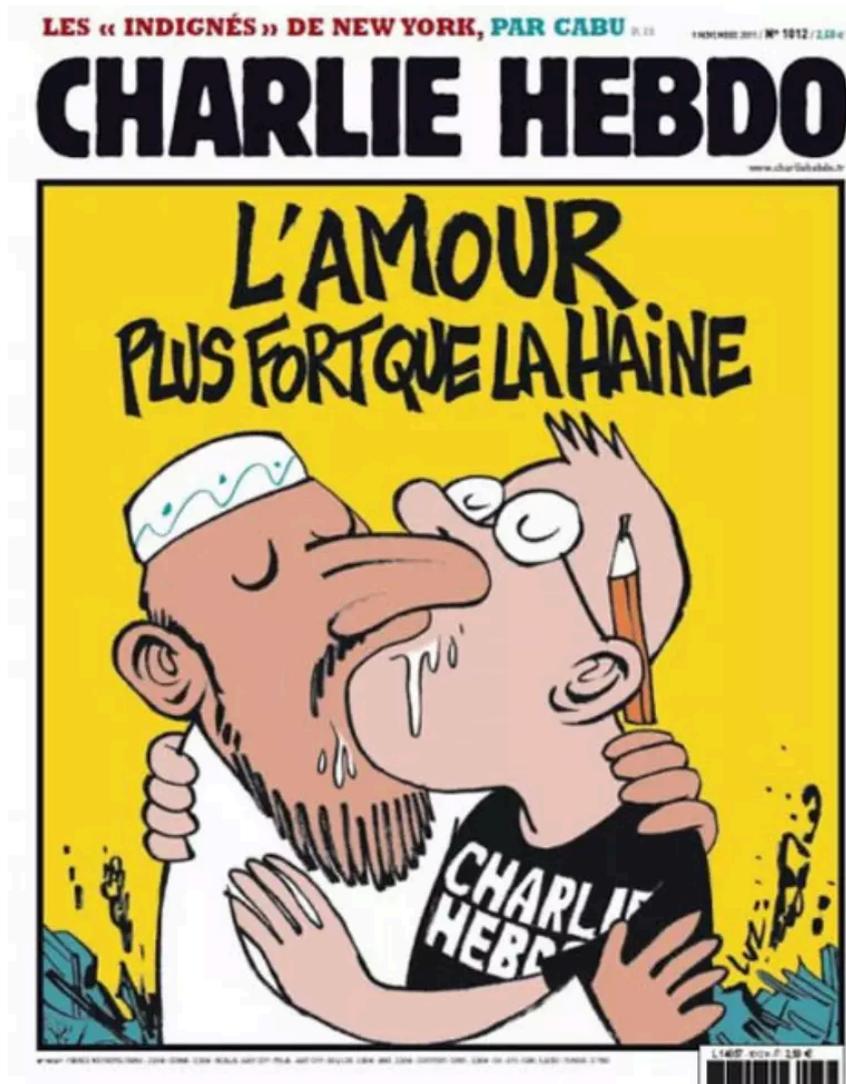
Fonte: Terra.⁴⁰

Figura 20 - Charge do Charlie Hebdo: O amor é mais forte do que o ódio”

³⁹ Acessado em: 05/06/2024.

⁴⁰ Disponível em:

<<https://www.terra.com.br/noticias/mundo/europa/relembre-charges-da-polemica-revista-charlie-hebdo,62cc1db9454ca410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 05/06/2024.



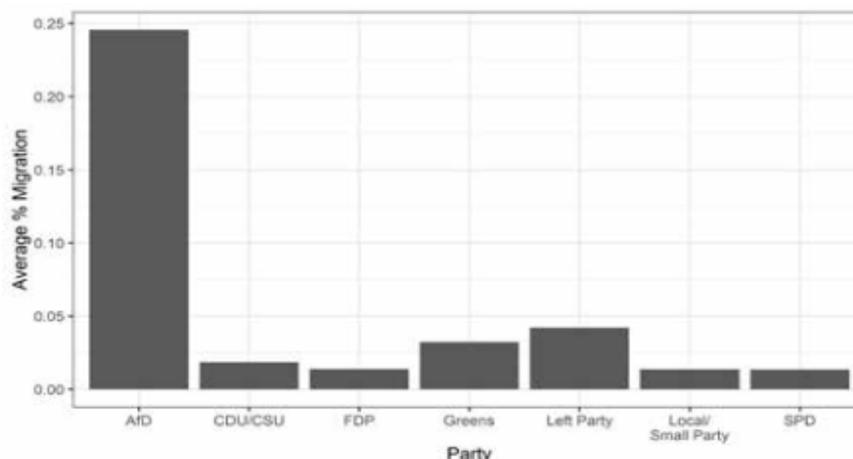
Fonte: Terra.⁴¹

Além de charges e iconografias, é interessante se analisar como os partidos distribuem os temas de seu manifesto. Em pesquisa feita por Martin Gross e Michael Jankowski, foi analisado diversos aspectos do partido de extrema direita AfD, especialmente sobre os manifestantes do partido. Um ponto interessante da pesquisa promovida é o percentual de termos de cada manifesto. Os pesquisadores utilizaram dados recuperados do projeto Manifesto Local, outra obra dos pesquisadores, e calculados usando a porcentagem de texto sobre imigração e integração com base em um dicionário composto por 173 termos (FIGURA 21).

⁴¹ Disponível em:

<<https://www.terra.com.br/noticias/mundo/europa/relembre-charges-da-polemica-revista-charlie-hebdo,62cc1db9454ca410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 05/06/2024.

Figura 21 - Porcentagem de texto sobre “Imigração e Integração” nos manifestos das eleições locais, 2014-2014.



Fonte: <https://encurtador.com.br/MTZzu>⁴²

No caso Francês, através de um olhar sobre os discursos de Le Pen, vemos que o fundamentalismo religioso está sendo frequentemente citado nos seus discursos. O tema é usado, na verdade, como uma forma de persuasão por estar diretamente relacionado à exposição da sociedade francesa à modernidade multicultural. A representante da Frente Nacional, constrói um conjunto de valores intolerante que assimila com muita dificuldade e até mesmo repúdio, os discursos plurais, multiculturais e receptivos à globalização (TOCAIA, 2017).

No discurso de Marine Le Pen, de seu ponto de vista e do ponto de vista de seu partido, o imigrante na França representa uma ameaça à identidade individual e coletiva francesa. Dessa forma, permitir a entrada deles na França seria o mesmo que insultar o francês, uma vez que a cultura francesa os impediria de se desenvolver, argumenta a candidata, em uma visão de sociedade dividida e inerte, sem mobilidade e possibilidade de integração ao imigrante (TOCAIA, 2017).

Podemos ver, portanto, que existe sim um verdadeiro preconceito contra o islâmico, tanto na França como na Alemanha. Este preconceito pode ser chamado ainda de islamofobia, que possui três correntes críticas para seu surgimento. A primeira delas é a crítica racial que aponta que o termo surgiu das elites intelectuais e, posteriormente, foi difundido como o medo ao

⁴² Acesso em: 05/06/2024

Islã. A segunda, a crítica religiosa está pautada sob o fato de que alguns fiéis islâmicos se utilizam da apropriação do uso da palavra com a finalidade de impedir qualquer crítica externa. Por fim, a crítica étnica, está relacionada com a formação de um grupo étnico, ou seja, um indivíduo pode sofrer preconceito, mesmo sem fazer parte da religião, por somente apresentar características fenotípicas e culturais árabes islâmicas (LORENTE, 2012).

Fato é que, segundo alguns especialistas, a islamofobia está, inegavelmente, presente na herança histórica conflituosa que foi desenvolvida há muitos séculos envolvendo a política, a religião e a guerra. Afinal o período de expansão do islamismo levou a religião islã até à Europa (ALLEN, 2010).

Destarte, através da visão de Said (1996), o orientalismo enxerga o islamismo como uma parte de uma seita, sem valor algum, sendo estudado portanto a partir de um olhar preconceituoso, e o que faz o Oriente hoje são os pensamentos e estruturas europeias. Vemos que, o motivo pelo qual o Ocidente enxerga o islamismo, e o Oriente, como algo sem valor ou bárbaro parte de uma noção superioridade civilizacional e racial, expressa através dos conceito francês de civilização e alemão de Kultor. Por causa destes, ficou-se a noção de que o Ocidente deveria guiar nações e povos considerados menores a um processo civilizatório aos orientais.

Esses foram alguns dos argumentos que o Ocidente usou e ainda usa para justificar a dominação dos países do Oriente, mas sobretudo, no combate contra os povos orientais no período de expansão imperial. O colonialismo e, posteriormente o imperialismo, se estruturaram como uma maneira de impor suas formas de controle e governança, com o intuito de reformar o islamismo (NOVAES, 2018).

Os movimentos de controle, como dito acima, perduram até hoje, principalmente, o preconceito com a religião islâmica. Mesmo dentro dos parametros Ocidentais, criam-se exceções quando o islamismo é favorecido e isto fica claro através das eleições. Ora, apesar de o Ocidente apoiar a realização de eleições em países islâmicos, se estas são ganhas por partidos islâmicos, já não são reconhecidas e são boicotadas, como aconteceu na vitória da Frente Islâmica de Salvação na Argélia, ou com o Hamas na Palestina.

Ademais, vemos que este preconceito ainda é presente pelas eleições de 2024, do Parlamento Europeu. Segundo os resultados previsionais oferecidos pela própria UE, vemos que na França o partido da Frente Nacional ganhou a maior quantidade de cadeiras, 30, de seu país e na Alemanha o partido Alternativa para Alemanha ganhou a segunda maior quantidade de cadeiras, 15, de seu país. Diante do que esses partidos defendem e representam, podemos ver claramente que, entre outras coisas, o islamico não é bem visto pela população desses países.

Conclusão

É importante, dentro das Relações Internacionais, buscar não somente identificar movimentos geopolíticos no mundo ou a dinâmica relacional entre determinados Estados, sobretudo, deve-se procurar entender o que acarretou esses movimentos e relações. Quando falamos de islamofobia, falamos de um preconceito instrumentalizado que é muito antigo.

Destarte, é preciso entender de onde veio a religião, em qual contexto ela foi idealizada, e como ela se expandiu. Entender que, antes do islã, já existia um mundo arábe que foi transformado pela ideologia islâmica. Este mundo arábe, por sua vez, já possuía relações com os povos europeus desde muito tempo antes da formação do conceito de estado moderno. Dessa forma, entender a história do mundo arábe e sua transição para um mundo muçulmano até os tempos atuais é, sobretudo, entender como a máquina imperialista se estruturou no Oriente Médio e quais foram as consequências dessa dominação. Além disso, através do olhar histórico, conseguimos identificar também, através das atitudes tomadas pelos Estados do Ocidente, como eles enxergavam o Oriente através de seus parâmetros e conceitos.

Ademais, o arcabouço histórico pavimenta um caminho seguro para análises do presente. Fato é que as crises migratórias são um grande reflexo de, entre outros elementos, um grande controle imperialista na região, da sobreposição de ideais de Estado ocidentais na região que, não necessariamente, se enquadram no contexto civil regional. Muito além disso, este processo imperialista nunca levou em consideração uma de suas premissas ocidentais do Estado moderno que é a autodeterminação dos povos.

Dessa forma, os Estados que hoje sofrem com crises nacionais e internacionais, no Oriente Médio, sofrem, sobretudo, das consequências de atitudes ditadas por outros Estados que se viam como mais civilizados ou com uma Kultur mais desenvolvida.

Ora, tais consequências são os grandes fluxos migratórios para as regiões próximas, uma delas, sendo o principal destino, a Europa. Isto é explicado ainda pelo passado histórico comum que os estados europeus possuem, em especial a França, com o Oriente Médio e, somado a isso, a maior qualidade de vida que essa região pode vir a oferecer.

O problema da imigração para os países europeus, entretanto, está superficialmente ligado à crise humanitária em si, o grande problema é, de fato, a vinda de uma nova cultura, de “outros” não europeus que mancham o status de civilização e de Kultur, outrora bem preservados. Ao olharmos para as pesquisas realizadas podemos perceber que existe um preconceito acerca do islã e de seus integrantes. Evidenciando, novamente, um tom de superioridade e estranhamento sobre o que vem do Oriente.

Prova-se que existem desencontros políticos, tanto na França como na Alemanha. Estados, na política externa, abertos à imigração, entretanto, dentro de seus aparelhos estatais proíbem, por exemplo, mulheres de se vestirem conforme seus costumes, ou, promovem aos imigrantes centros educacionais para aprenderem sobre a história e cultura, além do idioma, do país imigrado. Dessa forma, o imigrante para estes estados é um indivíduo sem valor e/ou voz, que vide a sua condição social já deveria ser grato por estar sendo acolhido, independentemente da forma que está sendo tratado.

Esta afirmação fica cada vez mais evidente quando comparamos a popularidade de partidos extremistas de direita durante os anos e nos deparamos com as charges de jornais franceses sobre a imigração, conseguimos enxergar, o preconceito, uma verdadeira islamofobia através delas. Outrora, de certa forma velada pela população, esta aversão começou a se tornar cada vez mais transparente nas urnas.

Além disso, a demagogia europeia é tanta, que os estados ainda permanecem com suas fronteiras abertas, reforçando uma ideia antiga de que o Ocidente civilizado deve ajudar os filhos do Oriente que vivem a mercê da barbaridade, ao mesmo tempo que cessam os direitos desses grupos e os colocam sob um regime de exceção, condicionados a viverem em guetos sociais dentro das cidades francesas e alemãs.

Não bastando já estar em um regime de exceção, cada vez mais sua presença é menos desejada, observar o aumento dos votos e, conseqüentemente, da popularidade dos partidos AfD e FN é observar, sobretudo, como o Orientalismo está presente culturalmente no Ocidente.

Em verdade, os dilemas em torno do islâmico não são novos, a diferença é que ele deixou de se tornar algo delimitado regionalmente e passou a integrar culturalmente esses países colocando-os em uma posição desconfortável. Ficou

mais fácil para a União Europeia aderir a uma narrativa securitária no tocante a esta situação para desviar a atenção dos problemas internos que o fluxo migratório causa.

Podemos inferir que o aumento da imigração nesses países contribuiu negativamente para a percepção da religião islâmica. Vale ressaltar que esta percepção não é fundamentada em argumentos teológicos e ou sociais, mas nada mais é do que uma clara manifestação dos preconceitos ocidentais sobre a cultura oriental, um instrumento segregador que enxerga o diferente como uma ameaça, primordialmente cultural.

REFERÊNCIAS

ACNUR, The UN Refugee Agency. **Mid-Year trend 2023**. [S. l.], 25 out. 2023. Disponível em:

https://www.unhcr.org/mid-year-trends-report-2023?_gl=1*1x5w4t*_ga*OTc0MTU3NDk3LjE3MTI3ODEwMDc.*_ga_1NY8H8HC5P*MTcxMjc4MTAwNi4xLjEuMTcxMjc4MTAyMy40My4wLjA.*_rup_ga*OTc0MTU3NDk3LjE3MTI3ODEwMDc.*_rup_ga_EVDQTJ4LjE3MTI3ODEwMDc.*_ga=2.46404004.245996475.1712781007-974157497.1712781007. Acesso em: 8 abr. 2024.

ACNUR Brasil. **Refugiados**. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/refugiados/>. Acesso em: 27 de nov de 2023.

ARJANA, Sophia Rose. **Muslims in the western imagination**. New York: Oxford University Press, 2015.

BAUBEROT, Jean. **Two thresholds of laicization**. Em Bhargava, Rajeev (ed.), *Secularism and its critics*. Nova Delhi: Oxford, 1998.

BBC Brasil. 2015. **Refugiados na europa: a crise em mapas e gráficos**. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150904_graficos_imigracao_europa_rm. Acesso em: 30 nov. 2023.

BBC NEWS (BRASIL). Refugiados da Ucrânia: quantos estão deixando o país e para onde estão indo?. **Refugiados da Ucrânia: quantos estão deixando o país e para onde estão indo?**, [S. l.], p. 1, 1 mar. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60570352#:~:text=Para%20onde%20os%20cranianos%20est%C3%A3o,um%20contingente%20menor%2C%20para%20Belarus>. Acesso em: 19 maio 2024.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Violência e religião: Cristianismo, Islamismo, Judaísmo : três religiões em confronto e diálogo**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2001.

CENTER, Pew Research. **“Europe’s growing muslim population”**. Pew Research Center’s Religion & Public Life Project, 29 de novembro de 2017. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/religion/2017/11/29/europes-growing-muslim-population/>. Acesso em: 14 de set de 2023.

COMISSÃO EUROPEIA. **Estatísticas sobre os fluxos migratórios para a europa**. [S. l.], 2023. Disponível em: https://commission.europa.eu/strategy-and-policy/priorities-2019-2024/promoting-our-europe-an-way-life/statistics-migration-europe_pt#estat%C3%ADsticas-europeias-sobre-migra%C3%A7%C3%A3o-e-asilo. Acesso em: 3 out. 2023.

CORREIA, Ângelo. **Mudança política e societária no mundo árabe**. OBSERVARE, Lisboa, 2004. ISBN 972-8179-82-0. Disponível em: <https://repositorio.ual.pt/handle/11144/1478>. Acesso em: 23 ago. 2023.

DEUTSCHE WELLE (Alemanha). **Merkel admite erros da Alemanha e UE sobre refugiados.**, [S. l.], p. 1, 31 ago. 2016. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/merkel-admite-erros-da-alemanha-e-ue-sobre-refugiados/a-19515145>. Acesso em: 4 jun. 2024.

DE LANNES, Suellen Borges. **A formação do império árabelslâmico: história e interpretações**. 2013. Tese (Doutorado em Economia Política Internacional) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Economia, [S. l.], 2013. Disponível em: <https://www.ie.ufrj.br/images/IE/PEPI/teses/2013/Suellen%20Borges%20de%20Lannes.pdf>. Acesso em: 11 out. 2023.

DUARTE, Felipe Pathé. **O islamismo como ideologia política de carácter secular**. RELAÇÕES INTERNACIONAIS, [S. l.], p. 97-110, 16 mar. 2015. Disponível em: https://ipri.unl.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/ri45/n45a06.pdf. Acesso em: 27 nov. 2023.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. [S. l.: s. n.], 1994. Disponível em: https://institucional.ufrj.br/portalcpsda/files/2018/09/ELIAS__Norbert._O_processo_civilizador_volume_1.pdf. Acesso em: 6 jun. 2024.

FARIA, José Augusto do Vale. **A islamização da europa: do al-andaluz à eurábia**. 2011. 235 p. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Universidade do Minho Escola de Economia e Gestão, [S. l.], 2011. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/18844/4/Jose%20Augusto%20do%20Vale%20Faria.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

FLORENZANO, Modesto. **PARTE I - ESTADO E SOCIEDADE**. In: SOBRE as origens e o desenvolvimento do estado moderno no ocidente. [S. l.: s. n.], 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/LypXK3NPB5PXvG3CvBvbLvn/>. Acesso em: 31 maio 2024.

FUCHS, Barbara. **Mimesis and Empire: The new world, islam, and european identities**. Cambridge University Press, 2001.

GERHARDS, Jurgen. HANS, Silke. SCHUPP, Jurgen. **German public opinion on admitting refugees**. The Barometer of Public Opinion on Refugees. DIW Economic Bulletin. Berlim, Alemanha. 2016. Disponível em: https://www.diw.de/de/diw_01.c.769370.de/s_10418.html. Acesso em: 05 jun. 2024.

GLOBAL Trends 2022. In: <https://www.unhcr.org/global-trends>. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://www.unhcr.org/global-trends>. Acesso em: 29 set. 2023.

GOLDSCHMIDT, Arthur; AL-AI-Marashi, Ibrahim. **Uma história concisa do oriente médio**. [S. l.: s. n.], 2021.

GROSS, Martin; JANKOWSKI, Michael. Eleições municipais Novas ondas na política. **O partido de direita radical “Alternativa para a Alemanha” (AfD) nas eleições municipais: desempenho eleitoral, temas enfatizados e tomada de posição**, [S. l.], p. 313-328, 5 ago. 2020. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/106813768/2020_Eleicoes_municipais-libre.pdf?1697914350=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DO_sucesso_da_religiao_Analise_da_eleicao.pdf&Expires=1717806423&Signature=LdLRPRVAKlifmAAAGUPV0IkupWyHYI~N6c8UQa~iyvHTvgMnAAbrsh86lsh7H8Rpb6ssfo7YESArCXp4MMMTY5IEbjxl1tCJ-hNJjxWBV0SEmxvfKArEEeM2BeOD3qTZr~qtPsmoupzH2YFBvtg5529HpSnEXbTP~BVH6QYgRtSgYJQt-dV389uI55MTYKcSuEB-D1HqtXkykeeTv64ND~QORTS6AVzfZCwa3MzMhD5hiXQf1HBJEzS7EF-FJCIu9K~Zvl5HsigPltnn9-8HqQq25oey6LHUI8o6sX5vs~l~1OSnpQZ~oNke3A-YIRfnGgf7ijxl1cOU74wIQkw__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA#page=313. Acesso em: 4 jun. 2024.

HOURANI, Albert. **Islam in european thought**. Cambridge University Press, 1992.

HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. [S. l.]: Companhia das Letras, 2006. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5248968/mod_folder/content/0/Hourani%2C%20Albert.%20Uma%20Histo%CC%81ria%20dos%20Povos%20A%CC%81rabes.%20Sa%CC%83o%20Paulo_%20Companhia%20das%20Letras%2C%202006.pdf?forcedownload=1 Acesso em: 7 nov. 2023..

LEWIS, Bernard. **Os árabes na história**. [S. l.: s. n.], 1996.

LIGUORI, Paula Aparecida Viol; BERGAMASCHI, Luiz Henrique. **Em busca de um “nós”: Alemanha, União Europeia e os refugiados**. Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 24, p. 74-93, 1 dez. 2017. Disponível em: [file:///C:/Users/dudum/Downloads/17432-Texto%20do%20artigo-73589-1-10-20171129%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/dudum/Downloads/17432-Texto%20do%20artigo-73589-1-10-20171129%20(2).pdf). Acesso em: 2 abr. 2024.

LIMA, Maria Clara. **Uma terceira onda conservadora: a ascensão da extrema direita na França**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Políticas) - Universidade de Brasília – UnB, [S. l.], 2018. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/27374/1/2018_MariaClaraLimaDeOliveira_tcc.pdf. Acesso em: 7 maio 2024.

LIPKA, Michael. **Muslims and islam: key findings in the u.s. and around the world**. Muslims and Islam: Key findings in the U.S. and around the world, [S. l.], 9 ago. 2017. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/short-reads/2017/08/09/muslims-and-islam-key-findings-in-the-u-s-and-around-the-world/>. Acesso em: 21 set. 2023.

MARCHI, Riccardo; BRUNO, Guido. **A extrema-direita europeia perante a crise dos refugiados**. POPULISMO E MIGRAÇÕES, [S. l.], p. 39-56, 1 maio 2023. Disponível em: https://ipri.unl.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/ri50/RI50_04RMarchi_GBruno.pdf. Acesso em: 21 nov. 2023.

MARRA, Yasmin Goes. **A Securitização da Imigração na Europa: O Caso da Alemanha e a Influência da Opinião Pública na (Des)securitização**. 2023. Trabalho de Conclusão

de Curso (Bacharel em Ciências Políticas) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/40518/1/Entrega%20Final%20TCCII%20-%20Yasmin%20Goes%20Marra_Yasmin%20Goes%20Marra.pdf. Acesso em: 10 maio 2024

MAYER, Nonna. **O mito da demonização da FN**. La vie des Idées, [S. l.], p. 1, 14 dez. 2015. Disponível em: <https://laviedesidees.fr/Le-mythe-de-la-dediabolisation-du-FN.html>. Acesso em: 6 maio 2024.

MIRANDA, Lucas Borda de. **A “ALTERNATIVA PARA A ALEMANHA”: A DIREITA RADICAL E AS ELEIÇÕES LEGISLATIVAS DE 2017**. III Seminário Debates do Tempo Presente: Desafios para as Humanidades em Tempos De Crise, Sergipe, p. 405-417, 26 abr. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Lucas-Borba-2/publication/331304786_A_ALTERNATIVA_PARA_A_ALEMANHA_A_DIREITA_RADICAL_E_AS_ELEICOES_LEGISLATIVAS_DE_2017/links/5c717cc392851c69503adcb3/A-ALTERNATIVA-PARA-A-ALEMANHA-A-DIREITA-RADICAL-E-AS-ELEICOES-LEGISLATIVAS-DE-2017.pdf. Acesso em: 29 maio 2024.

MOULIN, Altier. **Histórias de Viajante**. [S. l.: s. n.], 2012.

NOVAES, Elis Souto. **A ASCENSÃO DO DISCURSO XENÓFOBO NA FRANÇA: a contribuição do partido Frente Nacional (1982-2017)**. 2018. Monografia (Pós-Graduação em Relações Internacionais) - UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/28284/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Elis%201-converteo.pdf. Acesso em: 13 maio 2024.

RAMOS, Alice; LOUCEIRO, Ana; GRAÇA, João. **Atitudes Sociais dos Portugueses. MIGRAÇÕES e REFUGIADOS: Atitudes e percepções dos europeus**, Instituto de Ciências Sociais - Universidade de Lisboa, p. 1 - 16, 22 jun. 2016. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/26525/1/ICS_ARamos_Migracoes_ResearchBrief.pdf. Acesso em: 25 abr. 2024.

Refugee data finder. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://www.unhcr.org/refugee-statistics/>. Acesso em: 29 set. 2023.

ROCHA, José Miguel Dias. **A Frente Nacional francesa. Gênese do partido e análise das intervenções parlamentares dos seus eurodeputados durante a sétima legislatura (2009-2014) do Parlamento Europeu**. 2015. 130 p. Monografia (Mestrado em História, Relações Internacionais e Cooperação) - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, [S. l.], 2015. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/81968/2/37698.pdf>. Acesso em: 26 maio 2024.

SANTOS, Priscila Silva dos. **O Estudo da Islamofobia através dos meios de comunicação**. Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais-IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 79-90, 10 de nov. 2016. Semestral. Disponível em: www.habitus.ifcs.ufrj.br. Acesso em: 29 nov. 2023.

SANTOS, Robson Nogueira dos. **“A expansão do mundo islâmico para europa”**. Geographia Opportuno Tempore, vol. 3, no 1, novembro de 2017, p. 135–48. ojs.uel.br, <https://doi.org/10.5433/got.2017.v3.31898>. Acesso em: 2 set. de 2023.

SAID, Edward. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SIQUEIRA, Letícia Maria Pereira, et al. **“Intolerância religiosa na Europa: a legalização da islamofobia pelo estado francês”**. Anais do Pró-Ensino: Mostra Anual de Atividades de Ensino da UEL, no 3, dezembro de 2021, p. 112–112. [anais.uel.br, https://anais.uel.br/portal/index.php/proensino/article/view/1651](https://anais.uel.br/portal/index.php/proensino/article/view/1651). Acesso em 30 set. 2023.

THE FEDERAL RETURNING OFFICER. **Bundestag election 2013**. Results, [S. l.], p. 1, 1 dez. 2013. Disponível em: <https://www.bundeswahlleiterin.de/en/bundestagswahlen/2013/ergebnisse.html>. Acesso em: 2 jun. 2024.

THE FEDERAL RETURNING OFFICER. **Bundestag election 2017**. Results, [S. l.], p. 1, 1 dez. 2017. Disponível em: <https://www.bundeswahlleiterin.de/en/bundestagswahlen/2017/ergebnisse.html>. Acesso em: 2 jun. 2024.

THE FEDERAL RETURNING OFFICER. **European Parliament election 2014**. Results, [S. l.], p. 1, 1 dez. 2014. Disponível em: <https://www.bundeswahlleiterin.de/en/europawahlen/2014/ergebnisse.html>. Acesso em: 2 jun. 2024.

TOCAIA, Luciano Magnoni. **O discurso intolerante e preconceituoso da extrema-direita na França: primeiras reflexões**. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.193-209, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online). Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/57802/2/O%20discurso%20intolerante%20e%20preconceituoso%20da%20extrema-direita%20na%20fran%c3%a7a%20primeiras%20reflex%c3%b5es.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2024.

UNIÃO EUROPEIA. European Elections 2024. In: **Election results**. [S. l.], 10 jun. 2024. Disponível em: <https://results.elections.europa.eu/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

VELASCO, Suzana de Souza Lima. **A securitização da imigração na União Europeia legislação e práticas de regulação do excesso de mobilidade**. [S. l.: s. n.], 2014. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/czm3m/pdf/velasco-9788578792817-03.pdf>. Acesso em: 8 maio 2024.

VELASCO, Suzana de Souza Lima. **Cidadania, nação e segurança: o imigrante como ameaça à identidade centrada no Estado**. In: CIDADANIA, nação e segurança o imigrante como ameaça à identidade centrada no Estado. [S. l.: s. n.], 2014. p. 23-63. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/czm3m/pdf/velasco-9788578792817-02.pdf>. Acesso em: 17 maio 2024.

ZUQUETE, J. P. **A Europa, a extrema-direita, e o Islão**. Locus: Revista de História, [S. l.], v. 18, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20370>. Acesso em: 17 mai. 2024.